

3X4
homen
por pela natureza
e quando era c

BOOROO

2009/2



ÍNDICE

A maratona do Lixo	4
Lixeiros, uma batalha diária	6
Dinheiro no Lixo	8
Um tumulto de 19 andares	10
Tecnologia no lixo	12
Um mito chamado Ilha das Flores	14
Entrevista: Ninguém faz o trabalho dele	16
Desconstruindo Ilha das Flores	19
Para limpar a casa sem fazer sujeira	19
Ensaio Fotográfico "Aqui o Bagulho é Doido"	20
Apenas mais um José	23
O lixo da saúde e a saúde do lixo	24
Desafios e possibilidades: a reciclagem de carros no Brasil	26
A matemática do óleo	27
Os usados que não se jogam fora	28
Guardar lixo: hábito, mania ou doença?	30
Entre achados e perdidos	32
Clique Aqui e descubra mais sobre o lixo virtual	34

EXPEDIENTE

Comissão Editorial: Demétrio Pereira, Maria Elisa Lisbôa, Isabel Feix e Vinícius Fontana

Projeto gráfico e diagramação: Gustavo Flores

Capa: Fernando Andrés Freitas

Orientação: Wladimir Ungaretti

Impressão: Gráfica da UFRGS

Lixo que vale ouro

O LIXO É um negócio milionário. Sob qualquer aspecto que a questão venha a ser examinada é preciso pensar nossos padrões de consumo. Essas ideias, "subversivas", nortearam o semestre de construção desta edição do 3x4. Esta turma, como não acontecia há muito tempo, esteve ligada, com ouvidos apurados, numa prática essencial para "o fazer" jornalístico. Antes de escrever é preciso saber escutar. A atenção, o comprometimento de todos aos encontros com pessoas que trabalham com o tema, proporcionou a exata dimensão da tarefa de construção da edição.

As possíveis lacunas não são decorrentes de uma falta de atenção. Lidar com uma temática tão complexa no espaço de tempo de um semestre implicou escolhas. E mesmo considerando estas, alguns cortes e simplificações se impuseram pelas mais variadas razões. Este exemplar do 3x4 foi realizado com garra. A turma esteve envolvida com o tema, na elaboração das pautas, a entrevista, a edição, a escolha das fotos e a escolha da capa. É evidente que, nos planos das individualidades, os graus de comprometimento variam, mas o resultado final é muito bom. Como professor que coordena a disciplina, fiquei satisfeito.

Em todos os encontros procurei passar o maior número possível de informações sobre os mais variados assuntos de interesse da profissão. Esta turma soube tirar o melhor de mim. Diante do empenho dos alunos fui dedicado e não professoral.

Trabalhamos dentro de um clima de inteira liberdade, fraternidade e igualdade. Acredito na pedagogia que liberta. Que nos faz pensar, criticamente.

Wladimir Ungaretti

Daquilo que o consumo produz

O QUE O LEITOR tem em mãos é resultado de um trabalho coletivo. O que se pretende dizer com isso não é a obviedade seguindo a qual muita gente se envolveu na elaboração desta 3x4. Antes, trata-se de tornar manifesto o sentimento de grupo que, desde as primeiras reuniões da turma, animou a construção do que aqui se apresenta consumado, de tal modo que é difícil estabelecer até que ponto a autoria dos textos que vêm a seguir se reduzem aos nomes ali grafados. Da escolha do tema às preocupações formais inerentes à feitura de qualquer publicação, não foram raras as sugestões recíprocas e as atenções voltadas não para as tarefas individuais, e sim para o que resultaria da união delas.

Não há como apontar outro responsável pela composição desse cenário senão o Ungaretti, cuja inquietação ricocheteava pela sala de aula, ansiando atingir espíritos morosos e fazê-los expor as vísceras. Se é boa ou ruim a consequência disso tudo, o leitor logo julgará, e os méritos que porventura encontrar aqui serão devedores do comprometimento do Ungaretti em mostrar que jornalismo se faz com a alma, sem pudores e apaixonadamente.

Esta 3x4 também deve muito a André de Oliveira, do *Coletivo Catarce*, que ofereceu à turma segunda vida após uma visita inspiradora, e a Denis Beauchamp, o "canadense muito doido" que é o entrevistado desta edição. A ambos agradecemos pela disposição em dividir conosco experiências e pontos de vista que nos permitiram observar a questão do lixo de maneira menos ingênua. Nossa época é a do descarte, do consumo desenfreado, da novidade de ontem trocada pelo lançamento de hoje. É o império das embalagens, da obsolescência, de um desleixo coletivo e consentido que nos faz fingir que as sacolas que o caminhão leva desaparecem para todo o sempre.

As reportagens desta 3x4 buscam lembrar que todo consumidor é produtor. Produzir menos lixo é consumir menos. Por isso, quando se trata de lixo, o incentivo social a "lavar as mãos" é tanto literal, alertando para a higiene, quanto metafórico, congratulando a postura negligente. Para um modelo de economia já sem projeto de civilização e no qual as bebidas alcoólicas detêm o monopólio da "moderação", tornou-se conveniente que o ciclo de vida das mercadorias seja impietosamente curto e nada moderado. Esperamos que, após folhearem estas páginas e decretarem um bom destino para toda esta papelada – seja a estante ou a lixeira –, as mãos do leitor saiam imundas e sem previsão de lavagem.

Comissão Editorial





A maratona do lixo

Latas, papéis e jornais correm pela cidade gerando renda e sustento para centenas de famílias. É o ciclo do lixo.



ISABEL FEIX
isabel_feix@hotmail.com



RODRIGO OLIVEIRA
digao003@hotmail.com

QUANDO você vai ao supermercado, consegue ter uma noção da quantidade de material descartável que suas compras vão gerar? Latas e garrafas vazias, papelão, jornais, tampas, caixas. Todo mundo produz lixo, mas poucas pessoas sabem onde ele vai parar. As famílias de Sandro e Adriano sabem.

Em 2007, o soldado do exército Sandro Alves deixou o quartel. Na época, a esposa Cristiane Bernardes estava desempregada. Por sugestão de um amigo, foram trabalhar com o lixo. Organizaram um depósito na rua Santo Alfredo, na zona leste de Porto Alegre. Diariamente, dezenas de papeleiros recolhem nas ruas da Capital o lixo que você produziu. Eles levam o material até o depósito de Sandro e Cristiane e o vendem. Com isso, eles se sustentam. E, também com isso, o seu lixo tem um destino.

Por volta das 17h, os papeleiros chegam ao depósito e pegam emprestado um carrinho para a coleta do lixo. Durante a



Diversos catadores levam toneladas de lixo diariamente ao depósito de Sandro e Cristiane

noite e também pela madrugada, eles recolhem os materiais recicláveis espalhados pelas ruas de Porto Alegre. Às 8h do dia seguinte, os portões do depósito são abertos. Os papeleiros separam o lixo e o pesam em uma balança que suporta até quatro toneladas. Após, Cristiane, 36 anos, e Sandro, 35, pagam aos papeleiros uma quantia proporcional à quantidade de lixo recolhida.

Cada material tem um preço específico. A lata, por exemplo, é comprada por Sandro e Cristiane por R\$ 1,50 o quilo e depois é revendida por R\$ 1,80 o quilo. O plástico é o material que mais rende dinheiro para o depósito: cada quilo é comprado por 40 centavos e revendido por 90. O papelão, contudo, é comprado por 10 centavos o quilo e revendido por cerca de apenas 14 centavos. A crise mundial ocorrida no fim de 2008 afetou também o mercado do lixo:

“Antes, ganhávamos bem mais. Desde setembro do ano passado, os valores caíram bastante”, relata Cristiane.

Cada tipo de lixo recolhido tem um destino diferente. A sucata, por exemplo, vai para uma usina siderúrgica. O papelão é vendido para um reciclador no bairro Belém Novo, Zona Sul da Capital. As latinhas são revendidas para um depósito que as junta, organiza o material e as vende para a fábrica da Pepsi, onde elas darão origem a novas latinhas de refrigerante.

O depósito possui cerca de 300 metros quadrados. As instalações são simples. Há duas balanças, uma prensa metálica e pilhas de lixo acumulado. Ali mesmo, em um canto do local, fica a casa de Sandro e Cristiane. Apesar de modesto, o negócio movimentava cerca de R\$ 5 mil por semana. Isso não significa que o casal tenha um lucro significativo com a atividade, já que boa parte do dinheiro arrecadado é utilizado para as despesas do depósito.

Não se trata de comércio formal. Já que não existe um vínculo formal com os colaboradores fixos do depósito, com os papeleiros a situação é de maior liberdade ainda. Não há a necessidade de carteira de trabalho, identidade ou qualquer tipo de documento para trabalhar com o lixo: “A gente nota que muitas pessoas com problemas na justiça acabam recorrendo ao lixo, já que não precisam mostrar documentação”, conta Cristiane. Além disso, o crack e a bebida fazem parte da vida de alguns dos trabalhadores do mercado do lixo. Durante a reportagem, um catador bêbado apareceu para separar o seu lixo. “Esse aí é ‘pedreiro’”, resumiu na hora Cristiane, utilizando uma gíria para definir os usuários do crack.

Cristiane e Sandro muitas vezes reclamam da indisciplina de alguns dos papeleiros: “Muitos deles são indisciplinados. Às vezes temos que ter pulso firme”, protesta Cristiane. “Alguns acham que a nossa balança está ‘roubando’, marcando menos do que o valor real da quantidade.

Adriano participa todos os dias da maratona do lixo



Mas é uma balança que tem até selo do Inmetro”, completa. Os proprietários necessitam impor regras para não perder o controle do local: “A gente cobra horário de saída e de chegada. Damos uma meia-hora de tolerância. Se atrasar mais do que isso, não damos o carrinho”, resume.

O casal que controla o depósito acaba criando amizade com muitos dos papeleiros que trabalham lá. Em junho deste ano, um dos trabalhadores passou mal e desmaiou. Cristiane o acompanhou até a ambulância e foi com ele até o Hospital de Pronto Socorro. Esse episódio não foi um fato isolado. Segundo o casal, muitos dos que trabalham com o lixo vão juntar o material com fome e acabam passando mal durante a atividade, que exige força física dos catadores.

Cristiane conta que os papeleiros não levam apenas material para reciclagem: “Muitos aparecem com blusas e camisas que acharam na rua e querem nos vender”, relata. Muitos materiais encontrados nas ruas pelos catadores acabam chegando às casas dos familiares dela. “Já consegui um ventilador, três computadores, uma geladeira e uma máquina de lavar roupa. Tudo encontrado na rua. E tudo funcionando”, explica. “Alguns presentes de aniversário da minha mãe e dos meus sobrinhos foram adquiridos aqui”, relata.

Um dos papeleiros mais próximos de Cristiane e Sandro é Adriano dos Santos, de 27 anos, que já trabalha com o lixo há sete. Em 2002, com apenas 20 anos, trabalhava como porteiro no Mercado Público. A empresa que prestava esse serviço faliu e os funcionários foram todos demitidos. Adriano ficou desempregado e tinha que sustentar a esposa, a dona de casa Monica, e os dois filhos recém-nascidos, Brian e Kevin.

A rotina de Adriano

Enquanto não arrumava um emprego, Adriano passou a juntar lixo para se sustentar. Era um ramo provisório. Ao mesmo tempo, batia em várias portas atrás de trabalho. Ele já tinha experiência como entregador de bebidas. Tentou voltar a essa atividade. Chegou a procurar a fornecedora em que já havia trabalhado, mas foi rejeitado, pois agora era exigido ter cursado o Ensino Médio. Ele só havia estudado até a quarta série do Ensino Fundamental. “Não sei por que precisa estudo pra entregar latinha!”, reclama Adriano.

O fato é que ele não conseguiu emprego e segue como papeleiro até hoje. Há dois anos, passou a vender o seu material no depósito de Cristiane e Sandro. Apesar de informal, o trabalho de Adriano é de grande

importância para a cidade. Segundo o supervisor de operações do DMLU, Adelino Lopes Neto, os catadores informais recolhem por dia o dobro de lixo em relação à coleta seletiva da Prefeitura. “O DMLU junta cerca de 90 toneladas de lixo por dia. A informalidade é responsável por cerca de 180 toneladas”, relata.

Adriano ganha de R\$ 150 a R\$ 180 por semana catando lixo. Em épocas chuvosas, o rendimento chega apenas na casa dos R\$ 100. Já em períodos mais prósperos, ele consegue ganhar até R\$ 300. Com esses valores, ele recebe algo em torno de R\$ 600 a R\$ 750 mensais. Assim, consegue sustentar a família. E é um rendimento maior do que o papeleiro poderia arrumar em muitos empregos de carteira assinada. O trabalho, apesar de sustentar a família, gera algumas reclamações. “Não tenho perspectiva de melhorar”, admite.

O trabalho de Adriano começa às 17h. Nesse horário, vai ao depósito de Cristiane e Sandro e pega o seu carrinho. Durante a noite, percorre a avenida Bento Gonçalves e algumas ruas adjacentes procurando papel, latas e plástico. Algumas pessoas já separam o material especialmente para esperar a sua chegada: “Tem dois prédios onde o pessoal me conhece e guarda tudo pra mim”, conta. Tendo



Cristiane encontrou no lixo uma forma de obter o seu sustento

juntado todo o lixo, Adriano finaliza o trabalho à 0h. Porém, o catador não dorme na sua residência: “Não tem espaço, pois o carrinho é muito grande e não cabe dentro de casa”, relata. O trabalhador acaba o dia em um ferro-velho, onde o proprietário permite que ele durma sem se descuidar do carrinho. De manhã, às 8h, Adriano retorna ao depósito para vender para Cristiane e Sandro o seu material. Lá, ele pega o dinheiro do dia. Após, Adriano retorna às ruas e junta mais lixo até o meio-dia, para voltar ao trabalho no final da tarde.

As dificuldades da rua

Uma das contrapartidas da atividade de Adriano é ter que revirar o lixo com as próprias mãos. Adriano pega lixo reciclável no meio de restos de comida podre e material orgânico. “Se você observar, é um ‘servicinho’ meio ‘xarope’”, protesta. Em muitas lixeiras, o lixo seco e o orgânico estão misturados, dificultando o trabalho do papeleiro. Certa feita, o catador se cortou no lixo. Horas depois, a mão estava inchada e dolorida. Ele recorreu a um posto de saúde e tomou uma vacina antitetânica. Mesmo assim, Adriano dispensa o uso de luvas: “Atrapalha pra abrir as sacolas e aí demora demais”, diz.

Adriano explica que a rua não é o ambiente mais propício para fazer amigos: “Amizade é difícil. Já vi dois caras brigando na rua por causa de uma latinha”. Ele conta também que a ética nem sempre é seguida pelos catadores: “Se eu vejo alguém juntando lixo em um ponto, eu nem vou ali. Mas já vi várias vezes o pessoal pegando material no meu ponto quando eu estava juntando”, relata.

Os dois filhos de Adriano frequentam uma escola estadual do bairro. Eles têm posições diferentes sobre o trabalho do pai. O mais velho, Brian, de oito anos, tem orgulho da atividade e sonha em um dia ser papeleiro como o pai. Já o mais novo, Kevin, de sete anos, tem vergonha de contar para os colegas o que o pai faz.

A reação dentro da casa de Adriano é uma amostra do que o papeleiro encontra na rua. Enquanto muitos ajudam o trabalhador separando lixo e aguardando a sua chegada, há outros que não tratam o catador com o mesmo respeito: “Tem muito carro que buzina e me xinga, dizendo que eu estou atrapalhando o trânsito”, conta.

Mas o fato é que tanto os cidadãos que respeitam o trabalho de Adriano quanto os motoristas que o xingam descartam quilos de lixo diariamente. São latinhas, garrafas, embalagens e papel que serão recolhidas por papeleiros como Adriano. Ele venderá o material para o depósito de Sandro e Cristiane. Com o dinheiro obtido, Monica, Brian e Kevin terão o que comer. O lixo, por sua vez, será entregue para outros distribuidores maiores até ser reciclado e retornar a sua casa. Essa verdadeira maratona ocorre não só na zona leste de Porto Alegre, mas também em outros locais do país. Adriano, Sandro, Cristiane, Monica, Brian e Kevin conhecem esse ciclo. E sabem muito bem para onde vai o lixo que você descarta na sua casa. 🗑️

Sandro confere o peso do lixo trazido por Adriano ao depósito





JOÃO VITOR NOVOA
joaovitor87@gmail.com

IMAGINE um país onde os lixeiros recebem R\$ 550 por mês, não possuem vale-refeição, nem intervalo do período laboral, que pode chegar a oito horas diárias. Bem, esse é o Brasil. Agora, outro em que os coletores são funcionários públicos concursados e recebem 100 mil dólares anuais (em torno de R\$ 170 mil). Esse é o Canadá. Por lá, através de um sindicato fortíssimo, a Cupe (Sindicato Canadense dos Funcionários Públicos, na sigla em inglês), que mobiliza mais de meio milhão de trabalhadores no gélido território norte-americano, os lixeiros têm uma vida digna. As informações são do site oficial da entidade.

Já na cidade de Gravataí, região metropolitana de Porto Alegre, não há um sindicato para a categoria, o que gera arrocho salarial. Sabendo disso, acompanhei um dia na pele de uma equipe de coleta, composta por três lixeiros mais um motorista. Eles retiram, em média, 12 toneladas de lixo das ruas da cidade, e as encaminham ao aterro sanitário. Confira o percurso que Cláudio Roberto Nickel, 40 anos, Leandro da Silva, 35, Rafael Nunes, 20, e o motorista Ângelo Pereira, 48, fizeram em uma fria quinta-feira (08/10):



LIXEIROS, UMA BATALHA DIÁRIA

A dura vida de quem limpa o quintal dos outros e não é recompensado pelo serviço

06h40min Chegam à empresa, localizada na RS-118, no limite entre Cachoeirinha e Gravataí. Ângelo, o motorista, veio de carro do bairro Parque dos Anjos, a cerca de 20 quilômetros do seu trabalho. Os outros moram próximos ao local, numa comunidade carente que se estabeleceu com o incremento do Distrito Industrial de Cachoeirinha.

7h02min Após testarem o caminhão, os quatro rumam para a coleta. O trajeto deverá ser longo, em torno de 35 quilômetros. Me apresento, e subo na cabine do motorista, onde ficam outros três – o espaço é destinado apenas a duas pessoas. Se resguardam do frio matinal de oito graus.

7h09min Sem força, o veículo não consegue subir as ruas íngremes. Temos que voltar à sede da empresa, para pegar o caminhão reserva.

7h24min Após testes básicos de aceleração e frenagem, a segunda condução vai para a jornada, mesmo com dificuldade para dar marcha ré. Eles esperam que a coleta chegue até o meio-dia no máximo. “Como

choveu ontem, dá menos lixo. Hoje (quinta-feira), acho que vamos coletar só umas nove toneladas”, explica Leandro da Silva, há dois anos no serviço.

7h46min Já na BR-116, a equipe vai para os fundos do veículo e começa o serviço no bairro Jardim dos Alpes. Pergunto para o mais velho dos coletores, Cláudio Roberto, como ele mantém o ritmo diário de correria trabalhando com jovens de apenas 20 anos. Ele responde: “Tem que comer muito

arroz, feijão e massa. Tem guriçada que começa aqui e logo desiste. Não aguenta o ‘tranco’”.

8h07min Entram no Loteamento Palermo, à beira da RS-020. As vias são de terra. Com a precipitação, eles acabam escorregando nas gramas e se sujando no barro. “Além de escorregar, coletamos, muitas vezes, seringas e vidros. Olha a minha mão direita”, aponta Leandro. Na palma, há quatro cicatrizes. Eles não usam luvas. A companhia não fornece.

8h23min O caminhão chega a RS-020. Ele fica em uma das faixas, enquanto os lixeiros pegam os sacos plásticos na frente das casas de beira de estrada. Têm que desviar dos carros, que, por se tratar de uma rodovia, passam em alta velocidade. Os veículos não param para eles.

8h41min Vou correndo atrás do caminhão. Eles ensinam que cada um tem o seu lugar para ficar pendurado. Contestam as condições da categoria. “Lida-



mos até com cachorros soltos pelos donos. Todo dia, temos que dar chutes e jogar pedras para nos defender. E os donos ainda reclamam para a empresa”, relata Rafael, o mais novo deles. No percurso, contei 35 cães soltos que partiram para cima deles.

9h11min No bairro Itacolomi, zona rural, pergunto para os três o que fazem com as latinhas de refrigerante e cerveja acumuladas em um saco de batata na traseira do caminhão. “Juntamos para trocar por um cafezinho. Como não recebemos vale-refeição, os bares aceitam, e conseguimos manter o ritmo para as próximas horas”.

9h32min Intervalo para descanso. Chegam em um bar para trocar as latinhas, mas já sabem que nesse o dono não aceita. Juntam moedas do próprio bolso e compram pães, mortadela, refrigerante e bolacha. Sou convidado para me juntar à mesa.

9h58min Voltam ao trabalho. Rafael Nunes vai comigo e com o motorista na cabine. O motivo: dificuldade para respirar devido à poeira. Descansa um pouco mais que os outros, já acostumados com as péssimas condições de trabalho. No verão, essa situação se agrava.

10h40min Mais uma vez, problemas mecânicos prejudicam o trabalho dos quatro funcionários. Um equipamento do compartimento de carga arrebenta, e eles tentam consertá-lo. Ficam cerca de dez minutos abaixo de sol, já extasiados pelos 30 quilômetros percorridos. Não obtendo sucesso, avisam do problema à empresa pelo celular do motorista. Ouvem que um outro caminhão de coleta está a caminho.

11h08min Chega a condução com a outra equipe de coleta, já no final do expediente. Eles trocam. Os três lixeiros vão para outra condução terminar a coleta. Apenas eu e o condutor permanecemos até o ponto final da empreitada: o aterro sanitário.

11h30min Ao entrarmos no Aterro Sanitário Santa Tecla, em Gravataí, um cheiro fortíssimo de gás metano invade a cabine. É o odor, também, do lixo de Cachoeirinha e Viamão. Segundo o secretário de Serviços Urbanos

Como as condições são mínimas de segurança, o salário é baixo e não há um peso político ou sindical a favor dos trabalhadores, eles ficam anos laborando em condições subumanas



de Gravataí, Juez Fialho, apenas sua cidade produz 170 toneladas diárias de lixo domiciliar. Tudo vai para o aterro. Funcionários da empresa contratada pela Prefeitura para fazer o serviço de retirada dos lixos dos caminhões dividem o espaço com urubus e ratos. Os empregados – sem máscara, mas com luvas – enterram tudo. O local é uma montanha de terra e dejetos com, aproximadamente, 50 metros de altura (algo como um prédio de 20 andares). Começo a tirar fotos, e o motorista me alerta para tomar cuidado. Os trabalhadores se comunicam por rádio, e avisam ao encarregado de segurança. Guardo a câmera e o meu bloco de anotações.

11h44min Problema à vista: o encarregado de segurança nos barra. Pergunta: “Tu és funcionário? Tens autorização para estar aqui?”. Após cinco minutos de questionário e ligações entre diferentes setores da empresa, saímos do local.

12h03min Chegamos à sede da empresa. O trabalho termina com nove toneladas de lixo a menos nas ruas e 40 quilômetros rodados. Me despeço de seu Ângelo. No dia seguinte, ele e os outros três têm que acordar às 5h45 para mais uma jornada.

Divisão enfraquece a classe

A profissão de funcionário de limpeza urbana é regimentada pela Norma Reguladora 15, da CLT. Ela diz que estão sujeitos ao grau de insalubridade, em grau máximo, os profissionais que mexem com dejetos alheios e limpeza

de banheiros. Há um acréscimo de 40% no piso salarial da categoria. Contudo, os lixeiros de Gravataí recebem o teto estabelecido pela entidade de Porto Alegre, já que não existe sindicato local. “A medida (sindicato) os prejudica. Se existisse, eles poderiam reivindicar mais direitos e não ter que brigar judicialmente pelos mesmos”, afirma a advogada Eliane Cassela, há 29 anos no ramo trabalhista.

Outro aspecto polêmico é a falta de segurança para o trabalho. Há o contato com seringas, vidros e cachorros – muitas vezes, não tratados adequadamente. O médico do trabalho Paulo Ricardo Bobek salienta que as condições são perigosas. “As seringas podem estar contaminadas por diversas doenças e deveriam ser entregues à Vigilância Sanitária. Dever-se-ia usar luvas especiais de couro e borracha. O acúmulo de poeira no pulmão também é prejudicial em longo prazo. Uma máscara cirúrgica resolveria”.

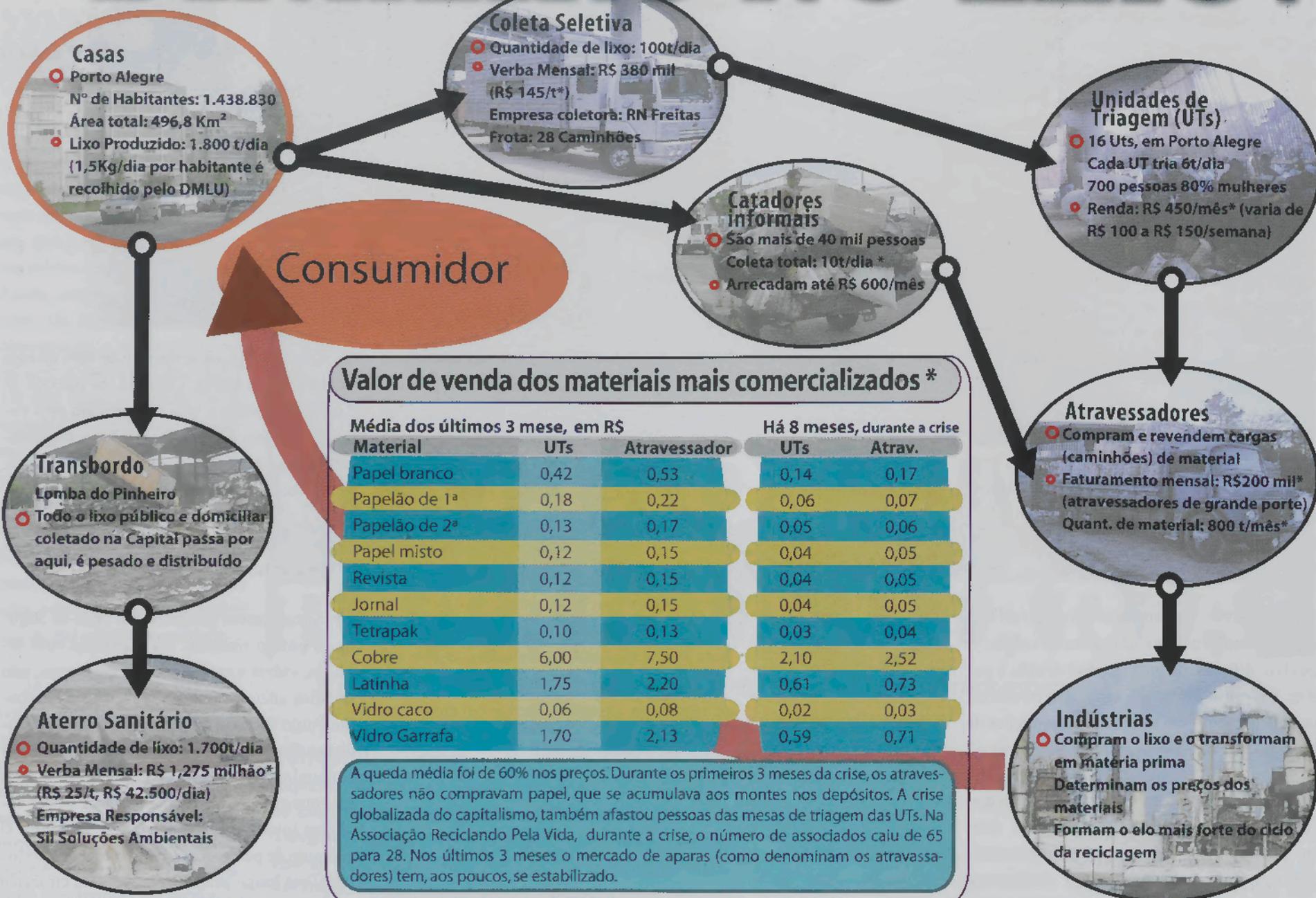
Como as condições são mínimas de segurança, o salário é baixo e não há um peso político ou sindical a favor dos trabalhadores, eles ficam anos laborando em condições subumanas. A Prefeitura de Gravataí, em setembro desse ano, abriu licitação para operação e gerenciamento do Aterro Sanitário Santa Tecla. Ele não possui licença ambiental. A empresa responsável pela coleta, por sua assessoria de imprensa, não quis se pronunciar. Em quatro tentativas.





DINHEIRO NO LIXO?

THIAGO TIEZE



THIAGO TIEZE
tieze_thiago@hotmail.com

GUILHERME GÜNTHER
guilgagunther@hotmail.com

TUDO ESTRAGA, apodrece e daí não presta mais. Será? Talvez não seja bem assim. Existem materiais que podem durar um tempão e, não importa o estado, podem ser reutilizados muitas e muitas vezes, como o plástico, o alumínio e o vidro.

É fato que a vida útil dos produtos tem sido reduzida ao longo das últimas décadas. Afinal, a economia precisa girar e, independente do custo sócio-ambiental desse procedimento, a obsolescência programada reina absoluta nas mentes dos consumidores. O consumismo, doença dos tempos modernos, faz com que a humanidade pro-

duza muito lixo, mesmo sem querer. A obsolescência programada, que dita o tempo de utilização de determinado produto já na sua produção, faz com que, talvez inconscientemente, se jogue "dinheiro" no lixo.

Descarta-se o que sobra, colocam-se os restos do que se consome numa caixa mágica chamada lixeira e, "shazam!", o lixo some, sem deixar vestígios.

Numa quarta-feira pela manhã a turma decidiu o tema da revista: lixo. Na semana seguinte sugerimos as pautas - "economia do lixo", no nosso caso. "Economia do lixo? O que significa isso?". Bom, foi aí que tudo começou. Aliás, por onde começar? Pelo fim - a lixeira.

Descartes, lixo sem filosofia

Colocam-se os descartes na lixeira de casa, que depois vão para a rua, seguem para o "caminhão do lixo", transbordo e aterro. Joga-se de tudo no lixo. Diariamente, o Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU), autarquia da Prefeitura de Porto Alegre responsável pela coleta e destinação do lixo, recolhe cerca de 1.800 toneladas (t) de rejeitos na Capital. Segundo Jairo Jorge dos Santos, da Divisão de Apoio Operacional do DMLU, são realizados quatro tipos de coleta em Porto Alegre: a hospitalar, a industrial, a seletiva e a domiciliar. As duas últimas são as mais próximas do cotidiano da maioria da população da cidade.

Domiciliar, coleta diária

O DMLU tem um orçamento anual de R\$ 115 milhões, repassados pela Prefeitura, que é des-

tinado à pintura de meios-fios, à capina, à varrição, à lavagem de monumentos e locais públicos, à limpeza de praias na orla do Guaíba, entre outros. Os rejeitos que não são destinados à coleta seletiva são coletados por caminhões da empresa Qualix. Esse lixo é levado até a estação de transbordo, no bairro Lomba do Pinheiro. A estação possui uma área de 18 hectares e abrange, além do transbordo, a Unidade de Triagem e Compostagem (UTC) Lomba do Pinheiro e a Unidade de Triagem Hospitalar (UTH).

Diariamente, todo o lixo (domiciliar e seletivo) recolhido passa pela estação de transbordo para ser feita a pesagem. O resíduo domiciliar é levado pela Transportadora Stralu, do Grupo Júlio Simões, até a Central de Resíduos Recreio, o aterro sanitário da empresa Sil Soluções Ambientais, localizado em Minas do Leão, distante 113 Km

da Capital. Segundo Jairo Armando, cada tonelada levada ao aterro custa R\$ 25 à autarquia. Levando em consideração que 100t vão para a UTC, as 1.700t restantes são destinadas ao aterro da SIL ao custo diário de R\$ 42,5 mil, que no fim do mês somam R\$ 1,275 milhão gastos para enterrar o que jogamos fora.

Economicamente rentável, ecologicamente viável

A falta de consciência por parte dos consumidores faz com que comprem um produto, embalado em determinado material, e não se deem conta de que o preço dessa embalagem está embutido no custo daquilo que se comprou. Esse invólucro, portanto, tem algum valor comercial. Então por que descartá-



lo como se fosse imprestável se mesmo o lixo orgânico pode ser reaproveitado como adubo?

Cada produto consumido deveria completar o seu ciclo de vida, ou seja, sair da indústria e voltar a ela como matéria-prima para novos produtos. O destino dado aos resíduos é fundamental para que isso ocorra. O caminho é longo, envolve várias etapas e depende de muitas pessoas.

Coleta reciclável

A coleta seletiva de Porto Alegre foi implementada há 19 anos e hoje é referência no Brasil. Ela atinge 100% dos bairros da Capital e em 11 deles passa duas vezes por semana. O papel do DMLU é coletar o lixo das ruas e levar até as 16 Unidades de Triagem (UTs) da cidade. A RN Freitas é a empresa responsável pela coleta. Ela venceu a licitação de dezembro de 2008 e continuará fazendo esse serviço por mais cinco anos, ao custo de R\$ 336 mil por mês. Do DMLU cada UT recebe mensalmente R\$ 2.500 em auxílio às despesas de acessórios para a triagem (luvas, óculos, jalecos, protetores auriculares, etc.) e de manutenção do local (máquinas e reparos nos galpões, luz, água...). Entregue o lixo às UTs, o setor público encerra sua participação nesse processo.

Associações triadoras

As UTs são pessoas jurídicas no formato de associações. O convênio com o DMLU não garante aos trabalhadores nenhum vínculo com a Prefeitura ou com a própria associação. A relação de trabalho, como diria o gaudério, é “no fio do bigode”. Nessa trajetória cíclica do lixo, elas possuem um papel central: cada UT recebe de quatro a cinco cargas (6 toneladas) de lixo diariamente. Cada carga leva no máximo 2h30min para ser triada, depois o material separado vai para a prensa, onde são formados os fardos. Semanalmente os compradores buscam o que foi produzido e, a partir deste ponto, o que era lixo torna-se “material”, “sucata”, enfim, possui valor econômico novamente.

A jornada de trabalho dos associados é de 40 horas semanais, mas o salário é determinado pela produção. O valor de venda do material triado acompanha a oscilação de mercados maiores, afinal, o lixo reciclado é uma commodity que possui valor em qualquer mercado. A cri-

se de 2008, por exemplo, afetou as UTs com uma queda de mais de 50% nos ganhos mensais durante quatro meses. A situação nesse segundo semestre de 2009 tem melhorado, e as UTs têm tirado, na média, de 10 a 14 mil reais por mês.

Foram visitadas três Unidades de Triagem de Porto Alegre. A Associação *Reciclando pela Vida* foi a primeira. Fundada por Marina Souza da Luz, 42 anos, ex-moradora de rua, conta hoje com 45 associados e arrecada até R\$ 12 mil por mês. A segunda UT visitada foi a *Profetas da Ecologia*, dirigida por três associados, um deles Daniel Fernandes de Oliveira, 21 anos, 3 filhos, com 23 associados e lucros mensais atingindo, atualmente, R\$ 16 mil mensais. A terceira foi a UT da Lomba do Pinheiro, a única que trabalha com lixo orgânico, além da coleta seletiva. O resíduo é transformado em adubo e vendido. Atualmente, os 144 associados da UT arrecadam cerca de R\$ 40 mil por mês.

Embora pareça alentador constatar a quantia que essas associações conseguem somar

mensalmente, o que encontramos nas UTs foi a última opção de emprego que os associados encontraram. Um galpão de tijolo a vista, grandes gaiolas de tela, abertas em cima e na lateral, acopladas ao galpão. Mesas de madeira para triagem, chão batido, montanhas de lixo dentro e fora das gaiolas. Cachorros, ratos, baixa luminosidade e escolaridade, renda mensal instável e alta rotatividade de associados. O trabalho digno das mais de 700 pessoas envolvidas nas 16 UTs, ainda que em condições precárias, possibilita que, em quatro meses, mais de R\$ 1,5 milhão não seja enterrado na Central de Resíduos.

Meio-campo

Os “atravessadores” são empresas que intermedeiam a relação do pequeno produtor com o grande comprador. Sua função é acumular um determinado produto e revendê-lo em grande quantidade, agregando valor. A JMC, empresa com mais de 30 anos de existência, é uma das maiores da região metropolitana a atuar nesse mercado. Por ela passam mais de 200t de papel e plástico por semana.

Os principais fornecedores de aparas, como os atravessadores chamam o material, são as UTs, agências bancárias, empresas e atravessadores menores. Eles consideram que as UTs, em geral, produzem um bom material, com exceção da UTC (Lomba do Pinheiro), que manda material de segunda qualidade, pois foi misturado com o lixo orgânico. As vendas nesse ramo acontecem segundo a demanda do varejo nas grandes recicladoras. Segundo João Luiz Rocha da Silva, um dos proprietários da JMC, o valor de venda do produto sempre sofre maior influência daquele que está acima na cadeia econômica, e isso vale para as indústrias em relação a

eles e deles em relação às UTs e a outros fornecedores.

Hoje, a JMC conta com 20 funcionários e, para buscar o material nos galpões, dispõe de dois caminhões, um tipo carreta (25t) e um truck (12,5t). Entretanto, economicamente já alcançam patamares de grandes empresas. No preço de venda, a margem de lucro oscila de 25% a 30% do preço de compra por produto, o que resulta, em média, num faturamento mensal de R\$ 200 mil.

Embora os atravessadores não possuam uma função transformadora no processo de reciclagem, seu papel é importante nesse ciclo, pois transportam a matéria-prima de quem a garimpa para quem sabe reutilizá-la.

3Rs

À filosofia dos 3Rs (reaproveitamento, reciclagem e redução) poderia acrescentar-se **responsabilidade**. Principalmente no que se refere ao destino final das embalagens, que é grande demais para apenas uma das partes, no caso o consumidor. O maior responsável pelo reaproveitamento e pela reciclagem dos materiais deveria ser o produtor, cabendo ao cidadão apenas reduzir o consumo, mesmo que não seja uma tarefa fácil.

Aos Governos cabe a responsabilidade de conceder incentivos ou subsídios às empresas que facilitam o caminho inverso da produção. Também são necessárias novas normatizações, que priorizem a utilização de embalagens retornáveis e garantam melhores condições àqueles que trabalham diretamente com o lixo. Outra medida imprescindível é investir na educação do cidadão para melhorar o relacionamento com aquilo que mais abundantemente o ser humano produz: o lixo.





UM TÚMULO DE 19 ANDARES

DEMETRIO PEREIRA
demetrio.pereira@gmail.com

VINÍCIUS FONTANA
vfontana89@hotmail.com

OS DICIONÁRIOS são unânimes em consagrar o termo “lixo” com reputações como “imundície”, “sujidade” e “sobra”. O endereço de número 18 da rua Marechal Floriano Peixoto, no centro de Porto Alegre, abriga um edifício imundo, sujo e que não deixa de ser uma espécie de resto: à exceção de dois andares, ocupados por moradias irregulares, o prédio está abandonado há quase meio século.

A edificação começou a ser construída no final da década de 50, e tinha como proprietária majoritária a Companhia de Seguros Marítimos e Terrestres Phenix –comprada em 2003 pelo Unibanco AIG Seguros, quando já era “Phenix Seguradora” –, cujo nome batizou o insurgente empreendimento: Edifício Phenix.

As obras pararam na década de 60, poucos anos e dezenove andares depois, em razão de problemas financeiros da

incorporadora Arapuã, empreiteira de diversas construções que tiveram o mesmo destino. Ao contrário de seu respectivo mitológico, o prédio não ressurgiu das cinzas. Com a sucessiva compra de salas por diferentes adquirintes, ficou complicado estabelecer a responsabilidade sobre a obra inteira. Hoje, a imponente credencial está esquecida. O local atende por apelidos como “Beco do Mijo”, “QG do crime” ou pelo ofício de “Galeria XV de novembro”. Para nós, “Esqueletão”. Encravado no centro da capital gaúcha, o esqueleto de tijolos à vista magoa a paisagem urbana e não respeita ditados populares: a feiura da fachada não é compensada por beleza interior.

Nas entranhas

No térreo da Galeria XV de Novembro funciona um comércio regular. As paredes estão danificadas pela movimentação dos camelôs da Praça 15, que guardavam suas mercadorias no Esqueletão. Em troca do espaço, os ambulantes davam uma gorjeta para Sônia Figueiredo, proprietária de algumas salas e tratada como síndica do edifício. Essa renda, somada aos alugueis dos locadores, finan-

ciou uma reforma exclusiva: o terceiro andar, onde reside Dona Sônia, está ornado com azulejos e conta com antenas parabólicas escapando pelas janelas.

Nosso primeiro contato com os moradores foi com Seu Evaristo, 67 anos e há 20 residindo no local. Entre receptivo e desconfiado, ele elogia a solidez da construção: “A fundação é de pedra de cachoeira. Isso é coisa que não se vê mais”. A informação se confirmou em conversas com R., lojista do térreo (“A ferragem é grossa, e os tijolos foram empilhados deitados”), assim como em registros do Ministério Público, que atestou, em 2007, a robustez da estrutura, apesar de ressaltar a urgência de

reformas. A ausência de janelas e manutenção tem favorecido a ação da umidade e o aparecimento de vegetação.

Conhecemos os quatro primeiros andares. Acima, uma grade cadeada bloqueava a passagem. Morcegos e gatos são os únicos a acessar os pavimentos superiores. Onde era para estar funcionando um elevador, amontoam-se móveis quebrados, entulho, garrafas plásticas e caixas de papelão. O espaço por onde o elevador transitaria tem como chão uma montanha de lixo e como teto o céu. As salas estão colonizadas por moscas e demais insetos atraídos pela sujeira e pela escuridão. No teto

mesclam-se fios elétricos emaranhados e teias de aranha.

Passeando pelos corredores do segundo piso, somos surpreendidos por um rapaz que se apressa em nos deixar à vontade: “Podem ir entrando”. Ele, afinal, está em casa: não hesita em mijar ali mesmo, emprestando seu perfume à sinfonia de fedores que infesta o ambiente. O que deveria ser um corredor para funcionários está transformado em um esgoto a céu aberto, onde encontramos uma deliciosa sopa de macarrão com feijão servida num cano PVC de 10 polegadas. Perto dali, balançam roupas coloridas, a maioria de crianças, num varal improvisado. Elas foram lavadas com um pouco das



doze horas de água diárias – das 7h às 19h, conforme moradores – que abastecem o prédio. Espremem-se nesse período os banhos de todos os residentes, que fazem fila para limpar-se em um banheiro coletivo que não se distingue pela limpeza. A precária porta de madeira apodrecida esconde uma peça de 2 m² disputada por um vaso sanitário e uma ducha Lorenzetti.



Uma parada no aposento do Führer

F. autoproclama-se um maníaco por higiene, motivo pelo qual espera não ser preso: “Imagina vinte nego numa cela, peidando, suando...”. O morador do segundo andar mal tinha dispensado uma prostituta chapada (que não conseguia articular uma palavra sequer) e já nos recebia no seu quarto como se fôssemos velhos amigos. Cigarro entre os dedos, dividindo o colchão encardido com um violão surrado, ele despejou sua história.

Antes de se juntar ao grupo de habitantes do Esqueletão, F. morou na Restinga. “Fugí de lá por causa de uns esquemas. Mataram meu cunhado pensando que era eu. Aí não tinha mais como ficar”. Depois, dividiu apartamento com conhecidos no Morro da Conceição, onde tinha seus banhos monitorados por uma velha tarada. A vida de F. lhe permite tratar a violência com um sarcasmo bem humorado: “Consegui chegar aos 30. Tem que estar preparado pra guerra. Político não tem noção. Se eu reunisse todo mundo que eu conheço, a gente dominava Porto Alegre. Eu iria virar tipo o Marcola, tá ligado?”.

R\$ 250 por mês é o quanto F. paga, com a ajuda da mãe, para ficar em um prédio imundo, numa peça improvisada como quarto, oprimida pela umidade e fechada com corrente e cadeado. Ele reclama das condições da construção, mas considera melhor que morar na rua, onde ganha dinheiro como panfle-

teiro. Uma bolsa com estampa militar pendurada na parede nos chama a atenção: “Tu serviu no exército?”. Ele brinca: “Não. Tô me preparando pra guerra”, e emenda: “O que tenho de diferente do Hitler é que eu não sou racista”. Questionamos o que ele tem de similar com o líder nazista: “Ele era bom, ergueu todo o país dele lá, a Alemanha. O problema é que ele se desvirtuou e saiu matando os semelhantes”. Ele assoa o nariz com um pedaço de papel higiênico que logo amassa e joga no chão, desenhando um sorriso malicioso: “Desculpa a sujeira, mas fazer o quê? É assim mesmo”.

Uma mesa surrada de madeira sustenta sacos de alimentos que esperam para ser postos à chama do fogareiro. Uma torneira aberta despeja água em um balde: os raros momentos de irrigação têm de ser aproveitados. F. quer mudar de vida. Garante conhecer um ex-membro do MST, que lhe segredou detalhes sobre o grupo: “Se tu tá com problema com marginal, tu vai pros acampamentos. Eles te ajudam. Se tu é inteligente, até te pagam os estudos”. Com todas essas vantagens, quisemos saber por que ele não se une ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra: “Eu até queria, mas tem umas coisas aqui”. Uma das “coisas aqui” é a irmã. Com suspeitas de hepatite, S. foi internada no Hospital de Clínicas. Voltou para casa para pouco depois ser chamada de volta, com a notícia de que estava com o vírus HIV. F. acredita que a moça contraiu a doença no hospital, e não se sente confortável com o assunto. Pergunta se está frio na rua, veste um moletom e sai preparado para a guerra.

Reformas

Nossa primeira visita ao Esqueletão não agradou a “proprietária”. Quando voltamos, uma semana depois, um segurança barrava o acesso ao prédio: “Fiquem tranquilos no canto de vocês que eu fico aqui no meu”. Tranquilos, passamos a conversar com os comerciantes do térreo. Para R., que trabalhou durante 20 anos na Galeria do Rosário e está há 10 na Galeria XV de Novembro, toda a receita arrecadada com os alugueis das lojas teria de ser destinada para a reforma do prédio: “Se fechar o edifício, somos nós que perdemos”.

Perderiam também os moradores, que se veriam sem ter para onde ir. Vistorias da Secretaria Municipal de Obras e Viação, dos Bombeiros, do Ministério Público e de vereadores da capital têm deixado os residentes em alerta. Documentos da administração pública já não fazem cerimônia para tratar o local como “QG do Crime”. Além das moradias irregulares, o prédio tem abrigado atividades ilícitas. Enquanto a Brigada Militar não percebeu qualquer anormalidade entre 2005 e 2007 no Esqueletão, a Polícia Civil, entre os meses de setembro de 2005 e 2006, registrou nada menos que 447 ocorrências - mais de uma por dia. Assaltos, brigas, comércio de entorpecentes, ameaças de morte e recapturas de presos compõem a coleção de delitos. Outro problema são as dívidas. Apenas a Turinvest Imóveis, proprietária de salas no primeiro e segundo andares, deve aproximadamente R\$ 800 mil de IPTU e taxa de coleta de lixo.

Não admira que nossa segunda visita tenha sido barrada nem que Seu Evaristo e outros moradores tenham sido reticentes ao prestar informações sobre o prédio. Com seus lares constantemente ameaçados, o que menos lhes convém é o relato pernicioso de quem foi lá em busca de sujeira e podridão. É sujo, é podre, é lixo, e está assim há tempo demais. Mas não falta quem queira dar um jeito na situação sem tirar dos inquilinos o pouco que têm.

Diante da ameaça de fechamento do edifício, comerciantes formaram a Associação dos Proprietários e Inquilinos de Lojas do Térreo da Galeria XV

de Novembro, que já apresentou orçamento para a recuperação da obra. Em 2006, a Associação aceitou a proposta de reforma da Gegler Engenharia, orçada em R\$ 32 mil.

Atualmente, está sendo realizado um laudo estrutural para a adequação do prédio às normas de prevenção de incêndio, algo que vinha sendo exigido há pelo menos três anos. Proprietários de salas até o 8º piso têm realizado obras de acabamento interno, como a instalação de alvenarias, rebocos e fiações elétricas. Tudo indica que agora, sem o trânsito intenso dos camelôs, as ocorrências criminais irão diminuir.

O aspecto ainda é cadavérico, mas a união de esforços de gente interessada pode trazer ao Esqueletão alguns órgãos vitais, pele, cabelos e de repente até um traje apresentável. E aí não haverá outro nome que lhe caiba: na Marechal Floriano, número 18, estará o Edifício Phenix. 

* A identidade de alguns entrevistados foi preservada ora atendendo a pedidos ora reconhecendo a delicadeza das informações prestadas.





Monitores obsoletos graças às telas de LCD. Quanto mais a tecnologia evolui, mais lixo ela produz

Tecnologia no lixo

CAROLINA MAIA
carolinaaideaguar@gmail.com

COMPUTADORES, celulares, MP3 players, câmeras digitais, impressoras, scanners... A lista de equipamentos digitais disponíveis no mercado aumenta ano a ano, e a quantidade deles na casa dos consumidores também.

O número de PCs vendidos no Brasil passou de 10,6 em 2007 para 11,8 milhões de unidades em 2008 (dados da IDC Brasil, empresa de consultoria em TI). O preço final caiu bastante: hoje, é possível adquirir um computador novo gastando menos de mil reais. Esse valor, impensável anos atrás, permitiu a aquisição do primeiro PC na vida de muita gente e facilitou a substituição de máquinas mais antigas.

A vida útil média de um computador é de aproximadamente quatro anos. Celulares passam em média um ano e meio nas mãos de seus donos. Com preço menor, menos equipamentos são consertados. Muitas pessoas preferem investir em um aparelho novo a consertar o antigo: "A indústria produz equipamentos que não são duráveis. A tecnologia evoluiu muito rápido", comenta Hugo Marcelo Veit, professor da UFRGS que pesquisa processos de reciclagem de lixo eletrônico. "Por que desenvolver um celular mais durável, que exigiria materiais mais caros, se dali a dois anos ele será trocado por um modelo mais moderno?"



As placas de circuito estão em todos os eletrônicos e podem poluir o ambiente se descartadas incorretamente



A primeira etapa da reciclagem é a desmontagem e classificação das peças dos computadores

Descarte e meio ambiente

Esse ciclo de consumo e descarte gera o que se chama de "lixo eletrônico", cuja destinação ainda não está regulamentada no Brasil. Com exceção da Resolução 257 do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama), que determina que os fabricantes devem responsabilizar-se pelo destino final, não há uma norma que defina como os equipamentos digitais inutilizados devem ser descartados.

A coleta seletiva não está preparada para o processamento desse lixo. Um celular, por exemplo, passa incólume pela esteira de triagem: não é metal, nem papel, nem plástico, nem vidro... Acaba recebendo o destino do resto dos materiais não recicláveis: vai para um aterro sanitário.

Nos lixões, a sucata digital torna-se fonte de substâncias tóxicas. Os componentes mais nocivos são os metais pesados, como mercúrio e cádmio, presentes nas baterias, e chumbo, que aparece em monitores de tubo e nas placas de circuito impresso, que estão em todos os equipamentos eletrônicos. A chuvas e o chorume corroem esses metais, fazendo com que contaminem o solo.

Os eletrônicos também podem poluir o ar. Para suportar altas temperaturas, compostos retardantes de chamas são adicionados ao plástico das placas lógicas. Esses compostos

também são bastante tóxicos, sendo liberados na atmosfera em caso de incineração do lixo.

"Grandes empresas costumam destinar corretamente seus resíduos", diz o pesquisador Hugo Veit. O problema está com o usuário doméstico, que muitas vezes desconhece quais são as alternativas para o descarte dos resíduos tecnológicos.

De volta à sociedade

O programa Computadores para Inclusão, do governo federal, criou os Centros de Reconhecimento de Computadores (CRCs) para permitir a reutilização de equipamentos em bom estado. Nesses locais, o lixo se transforma em novas máquinas, que são doadas a instituições sem fins lucrativos.

Cerca de setenta aprendizes recebem meio salário mínimo para trabalhar quatro horas por dia no Centro Social Marista (Cesmar), onde funciona o único CRC da região sul. Esses jovens, moradores da pobre Zona Leste de Porto Alegre, têm ali sua primeira experiência profissional: montar novos PCs a partir de computadores descartados.

Desde 2007, os órgãos da administração pública federal devem destinar para reaproveitamento os materiais de informática que não estejam mais sendo utilizados. O Ministério Público também envia caça-níqueis apreendi-



RECONDICIONAMENTO PONTOS DE COLETA

	Cesmar - Estrada Antônio Severino, 1493
	Colégio Marista Rosário - R. Praça D. Sebastião, 2
CRC-Cesmar	Colégio Marista Ipanema - Av. Coronel Marcos, 1959
	Campus central da PUC - Av. Ipiranga 6681, Prédio 17, sl.101

RECICLAGEM PONTOS DE COLETA

Lorene	Sede da empresa - R. Voluntários da Pátria, 2971
Reverse	Papelaria Casa Brasil - Borges de Medeiros, 411 sr dos Passos, 52



Funcionários da Lorene separam o lixo – inclusive o eletrônico – a céu aberto

dos para o Cesmar. Além desses equipamentos, o centro recebe doações de pessoas físicas e empresas.

A cada mês, o centro entrega entre 350 e 400 máquinas equipadas com Linux para projetos de inclusão digital. O número final depende da qualidade dos lotes recebidos. Em média, três computadores inutilizados são suficientes para montar um em boas condições de funcionamento.

Nem todas as peças são aproveitadas. Alguns itens são obsoletos demais, e vão direto para o descarte. O mesmo acontece com peças defeituosas.

Reciclagem

O material descartado pelo CRC é comprado pela filial gaúcha da Lorene, empresa que coleta e processa lixo tecnológico. Até chegar ao seu último destino, a sucata digital passa por um longo caminho. "Muitas empresas tendem a ver seus velhos computadores como máquinas, não como lixo", avalia André Senger, diretor da Reverse, outra empresa do ramo.

Marco Antônio dos Santos, representante exclusivo da Lorene no Rio Grande do Sul, concorda: "Para nós, quanto mais obsoleto o material, melhor, torna a negociação mais fácil. Os empresários gaúchos insistem em achar que os computadores velhos valem alguma coisa." Não que esse lixo não tenha valor. Marco Antônio conta que já há catadores "especializados", que recebem de R\$ 4,50 a R\$ 5 por quilo de placas de circuito impresso.

Somente 5% dos materiais que formam um computador – compostos por espumas, conectores e outros materiais – não podem ser reciclados. Assim que recebido, o lixo eletrônico é desmontado e separado para ser enviado para reciclagem. Na representante da Lorene, esse processo é realizado a céu aberto, em um terreno cheio de sucata. À primeira vista, essa é a maior diferença entre as duas empresas visitadas pela reportagem. Na Reverse, em Novo Hamburgo, os funcionários trabalham em um galpão amplo e limpo.

Isso leva a outra diferença entre as duas empresas: "A gente tem um custo alto com estrutura", diz Senger, diretor

da Reverse, que cobra cerca de R\$ 25 por cada computador recolhido. "É difícil cobrar, mas a reciclagem não é um serviço que se paga por si só. Tu tens um custo pra se livrar do lixo doméstico também, está nos impostos", defende-se Senger, que complementa: "As melhores práticas ambientais nem sempre têm custo baixo".

Outro fator explica a necessidade de cobrança: o volume processado. A Reverse, fundada em outubro de 2008, processa por mês cerca de cinco toneladas totais de equipamentos. 70% disso é metal, vendido a R\$ 0,05 o quilo. No mesmo período, a Lorene envia 12 toneladas de placas de circuito, material mais caro, para sua matriz em São Paulo. De lá, as placas seguem para o exterior, onde são recicladas. Não há nenhuma empresa que efetivamente recicle esse tipo de resíduo no Brasil.

Tecnologia brasileira

O professor de Engenharia de Materiais da UFRGS Hugo Veit desenvolveu a primeira tecnologia nacional para reciclagem de placas de circuito impresso. Segundo ele, os métodos utilizados na Europa e nos Estados Unidos não se adequam à realidade brasileira: "Por usar a incineração das placas para separar os metais, o controle ambiental lá precisa ser bem mais rígido. Isso torna o processo todo muito mais caro."

Desde 1999, o pesquisador trabalha em formas menos agressivas para retirar o cobre

das placas de circuito, através de moagem e separação de materiais. A decisão pelo metal reside em seu valor de mercado: "Não podemos ser românticos, a reciclagem tem que dar lucro. É um processo industrial."

No lucro também reside a maior dificuldade para implantação dessa tecnologia em larga escala: seria necessário um volume muito grande de material para compensar o investimento inicial, estimado em no mínimo R\$ 400 mil.

Veit destaca duas dificuldades para a reciclagem de eletrônicos no país: logística e ausência de regulamentação. Uma leva à outra: sem legislação sobre o tema, não há responsáveis pela coleta. "Recolher celulares,

como fazem as operadoras, ou pilhas, como faz o Banco Real, não é tão difícil, pois essas coisas não ocupam muito espaço. Agora, imagina a mesma coisa com computadores", provoca Veit.

"O ideal é doar os computadores para alguém ou para algum projeto como o Cesmar, para que os equipamentos tenham sua vida útil estendida", sugere o pesquisador. E aquele MP3 player estragado, jogado no fundo da gaveta? "Pode deixar lá por enquanto", diz Veit. "O importante é não jogar no lixo comum".

No CRC Cesmar, jovens de baixa renda montam novos PCs a partir da sucata digital





RAFAEL GLORIA
rafaeljornal@yahoo.com.br

ARTHUR DIAS
artei@hotmail.com

“Este não é um filme de ficção”

“Existe um lugar chamado Ilha das Flores”

“Deus não existe”

ESTAS SÃO as três primeiras frases exibidas no curta-metragem Ilha das Flores. Dirigido por Jorge Furtado e lançado em 1989, a obra apresenta 12 minutos de colagens e falas em ritmo alucinante, de tal forma que é preciso assisti-lo várias vezes e refletir bastante para se evitar o pensamento óbvio de que o retratado seria exatamente a Ilha das Flores. Um lugar situado a 20 minutos do centro de Porto Alegre, a lata de lixo da cidade, com moradores abaixo da linha de miséria autorizados a catar comida nos lixões apenas depois que os porcos dos proprietários dos aterros se alimentam.

Entretanto, como a primeira vez que se assiste ao curta-metragem *Ilha das Flores*, ao menos no Rio Grande do Sul, é geralmente na escola, ainda no Ensino Fundamental, fica difícil fugir do óbvio. E, convenhamos, uma criança de dez ou 11 anos



Um mito chamado Ilha das Flores

não assiste várias vezes e reflete demoradamente sobre um curta-metragem que fala de pobreza e lixo. Desse modo, temos criado um preconceito já comum nos indivíduos nascidos a partir da década de 1980: a Ilha das Flores seria um lugar miserável onde é despejado todo o lixo recolhido em Porto Alegre.

Pergunte sobre a Ilha das Flores para algum familiar, amigo, enfim, qualquer pessoa que você conheça. Pode ter certeza que a resposta será uma expres-

são de nojo, quase repulsa. “O que você vai fazer lá? Vai voltar sem roupa, sem dinheiro, sem o carro”, são comentários comuns de qualquer pessoa, caso você diga que deseja conhecer a ilha. Apesar disso, e uma vez que o curta-metragem está completando 20 anos e a questão do descarte de lixo é mais atual do que nunca, mostra-se mais do que necessário produzir uma matéria sobre o documentário e sobre a própria Ilha das Flores.

Para começar, ele não foi gravado somente na Ilha das Flores - a maioria foi na Ilha Grande dos Marinheiros, também situada em Porto Alegre e vizinha da que levou toda a fama. Poderia ser uma questão de locação para filmagens o fato do filme não ter sido feito lá, pensa-se de imediato. Mas não. A Ilha das Flores não possui qualquer depósito de lixo. Este é o primeiro preconceito que cai por terra assim que percorremos a ilha. “De fato, as pessoas com quem conversei que não são daqui, e que aqui nunca estiveram, têm uma visão extremamente distorcida da ilha”, diz Andresa do Nascimento Sezari, 29 anos. Para ela, o curta-metragem de Jorge Furtado colabora muito para isso. “Os moradores daqui são pobres, a maioria sobrevive catando papel e fazendo biscates, mas de forma alguma vivemos ou vivíamos na miséria que é retratada no curta”. A ilha possui, inclusive, projetos comunitários, nos quais os moradores aprendem alternativas de renda possíveis para pessoas com pouco estudo e com pouca penetração no mercado de trabalho.

A Associação dos Ilhéus Ecológicos mantém trabalhos voltados principalmente para a área de saúde e nutrição de crianças de até seis anos, além de organizar atividades que proporcionem renda para a comunidade. Andresa ajuda na entidade e exalta as conquistas dos moradores. “Nós produzimos sabonetes e um grupo de senhoras faz trabalhos com costura”, afirma.

Também a ONG Redecriar está presente no local com o Projeto Redecriando Flores na Ilha, que vem sendo desenvolvido desde abril de 2009 e cuja conclusão está prevista para novembro do mesmo ano. O projeto consiste em implantar na ilha um programa de geração de renda pautado no reaproveitamento de resíduos sólidos para criação artesanal de Jóias Sustentáveis e na difusão de hábitos cotidianos sustentáveis, entre esses, separação de lixo seco e orgânico, cultivo de compostagem e horta domésticas para nutrição sustentável - aproveitando talos, cascas e folhas de hortaliças.





Espécie de herança

A realidade é que as várias ilhas que formam o delta do Jacuí possuem pouca - ou quase nenhuma - infraestrutura necessária para que se viva de forma adequada. Provavelmente, quando pensou em fazer o curta, Jorge Furtado não imaginou as consequências que seu trabalho traria para aquela sociedade. É absolutamente um trabalho de ficção, mas que fala sobre algo verdadeiro em muitos lugares do mundo, sendo paradoxal já na sua origem. E como o filme foi exibido em várias salas de aula, por todo o país - até pelo mundo -, é fácil observar que se estabeleceu um mito. É certo que há lixo na Ilha das Flores, mas há pessoas, igrejas e uma comunidade que consegue se manter mesmo que sem todas as condições necessárias. Talvez tenhamos que nos perguntar se a herança que o documentário deixou para o local não é uma espécie de lixo também. Se o conceito de lixo pode ser definido como aquilo que não é mais aproveitável, ou até a escória, a ralé, então de certa forma, o próprio documentário criou uma forma de lixo ao ajudar a sedimentar a imagem de uma sociedade que não é exatamente como foi retratada.

É possível reciclar essa visão, esse preconceito que percorre nossos pensamentos acostumados, para evitarmos aquela expressão de nojo, quase repulsa, quando se fala da ilha, como se a pessoa que fosse até lá mal conseguisse andar devido à quantidade enorme de lixo no chão. Ou pelos porcos que disputam comida com os habitantes. Não. É possível, sim, respirar na Ilha das Flores, é possível modificar as estruturas. E, sim, há até flores na Ilha das Flores. 🗑️

Os dois lados

Há pobreza na Ilha das Flores, como há pobreza por toda Porto Alegre. E, assim como em toda a cidade, a discrepância entre pobres e ricos também começa a se notar no local. Sabemos que uma ilha só existe se cercada por água. Mas quando esta água permite navegação, o que é o caso do rio Jacuí, onde se encontra a Ilha das Flores, ela se torna atrativo para velejadores e praticantes de esportes náuticos. E estes não são lazeres propícios a pobres, dados os altos custos de compra e manutenção de barcos, jet skis, lanchas etc. Logo, começam a surgir na orla da Ilha das Flores empreendimentos voltados para este segmento de classe alta. É o caso da Marina das Flores.

Inaugurada no final de novembro de 2005, a Marina das Flores é um empreendimento náutico voltado ao lazer, turismo, comércio e guarda de embarcações. Também possui quadras de tênis e um bistrô, cujo deck deslumbrante leva até a beira do rio Jacuí. No verão, uma piscina fica à disposição dos frequentadores. Pessoas bebendo champanhe podem ser vistas em sofás luxuosos colocados de frente para o rio. Estabelecimentos como esse estão por toda a ilha. Luís Alberto, comerciante que administra o bistrô da Marina das Flores, relata que este tipo de empreendimento vem ganhando força na Ilha das Flores pelo fato dela estar em Porto Alegre e ser uma boa alternativa para a zona sul da cidade, já há muito utilizada por adeptos de práticas náuticas. "É um tipo de negócio com grande capacidade de expansão. Já temos muitos clientes fixos, que passam o dia inteiro aqui, andando de jet ski ou simplesmente apreciando a vista do rio". Para deixar bem claro a que tipo de público o negócio é destinado, uma lata de refrigerante, que num supermercado custa no máximo R\$ 1,50, no Bistrô da Marina das Flores sai por R\$ 3,50.

Os moradores daqui são pobres, a maioria sobrevive catando papel e fazendo biscates, mas de forma alguma vivemos ou vivíamos na miséria que é retratada no curta

Há pobreza na Ilha das Flores, como há pobreza por toda Porto Alegre. E, assim como em toda a cidade, a discrepância entre pobres e ricos também começa a se notar no local

O curta-metragem de Jorge Furtado deixa claro o caráter ficcional do filme em seus créditos finais. Furtado, inclusive, realizou um vídeo promocional em 2004, para uma campanha do Banco do Brasil intitulada "Valores do Brasil", com o título de Fraternidade, onde ele voltou à Ilha Grande dos Marinheiros, 15 anos depois. Protagonizado por Paulo José, também narrador do curta Ilha das Flores, o filme fala a partir da diversidade de elementos - e etnias e culturas - que forjou a pátria Brasil e pergunta o que ocorreu com a população que vivia no limite da exclusão social. Parte da verba do filme foi destinada para melhorias no local, como a construção de uma quadra de esportes e de um prédio com sala de aula e cozinha. Tudo isso foi filmado e entrou no vídeo, como forma de expressar fraternidade.





NINGUÉM

faz o trabalho que ele faz

ARIEL OLIVEIRA
arye.allarol@gmail.com

PAULO FINATTO JR.
paulofinattojr@hotmail.com

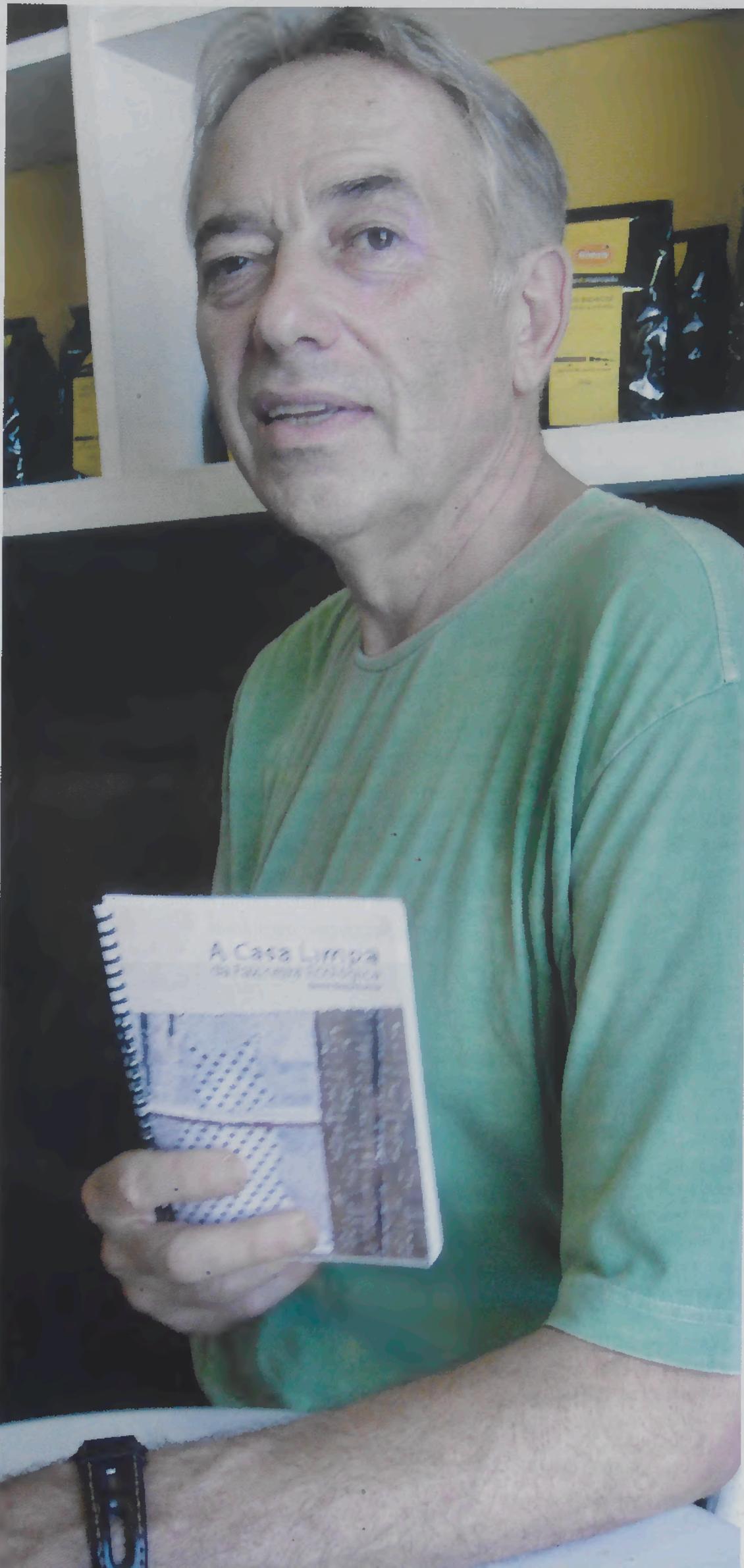
PODE SER que Denis Beuchamp já tenha tocado a sua campanha. Mesmo assim, muito pouco você deve saber sobre a vida desse canadense de 57 anos. O livro que ele vende de porta em porta, *A casa limpa da faxineira ecológica*, talvez seja um bom começo para compreender a história desse homem que desde 2003 mora em Porto Alegre.

Denis foi a primeira pessoa a defender a coleta seletiva e a reciclagem no primeiro mundo. Depois de tantas histórias vividas em países como China, Marrocos, Costa do Marfim, Guatemala e Índia, ele decidiu morar no Brasil. Em Salvador, Denis ensinou tango para três mil baianos. Sobre o que o trouxe para Porto Alegre, entretanto, ele não gosta muito de comentar. Já contou essa história demais.

Por isso, na entrevista realizada no Café do Mercado Público, a preocupação foi perguntar o máximo possível sobre os seus projetos que envolvem a relação do lixo com o meio ambiente e não tanto sobre a sua vida particular. Mais que isso. Tudo o que ele pensa sobre esse assunto tão esquecido pela maioria das pessoas.

O livro *A casa limpa da faxineira ecológica* foi lançado em diferentes países. Quais as principais alterações do seu conteúdo entre a versão brasileira e as versões estrangeiras?

O livro é baseado no trabalho que foi feito quando eu era vereador em Montreal, no Canadá. Eu mudei bastante coisa: o corpus e a estrutura do livro. Em primeiro lugar, eu adaptei



um pouco para os produtos que você acha aqui no Brasil. As receitas são parecidas, mas com produtos bem específicos: sabão de coco, que é luxo na Europa ou na América do Norte; limão, que é uma coisa muito cara lá e aqui é quase de graça. O objetivo dessa alteração é propor soluções de baixo custo para mudar a visão de ecologia das pessoas. Em segundo lugar, adaptei as quantidades dos ingredientes para volume, porque é mais fácil de entender quando se fala de uma xícara ao invés de dez gramas. A terceira mudança foi que todas essas receitas foram pensadas para serem feitas em garrafas de dois litros, porque é uma quantidade suficiente e porque não precisa refazer toda semana. A última mudança foi um esforço para achar todos os produtos de limpeza. Isso foi uma grande melhora quanto aos outros livros. Eu diria que o livro brasileiro é extremamente rico.

Como foi feita a escolha das receitas que fazem parte do livro?

As receitas são do livro do Canadá, que foi feito na década de noventa. A partir dessa primeira edição eu fui ampliando e construindo o livro com mais receitas que eu acabei descobrindo em outros países como Japão, China, Índia, Estados Unidos e França. É impressionante! Eu tenho quatro vezes mais informações sobre produtos de limpeza do que aparece no livro. Eu tive que restringir para que o livro não ficasse muito grande e inviável. Por outro lado, a partir da primeira edição brasileira, eu recebi críticas e mudei algumas coisas. Eu fiquei até meio chateado porque eu queria mais críticas para poder melhorar o livro ainda mais.

Você ainda pensa em escrever outros livros sobre esse mesmo assunto?

Esse é o meu segundo livro. Eu já escrevi um livro de receitas culinárias e ainda quero fa-

zer um sobre reaproveitamento. Será ligado a um projeto específico, mas acho que vai demorar um pouco. É complicado esse tipo de coisa por aqui. Eu preciso de autorização da Prefeitura, mas não estou conseguindo. Eu já tentei fazer uma coisa assim em 2002, quando estive em Porto Alegre pela primeira vez, mas não recebi apoio. Estou fazendo agora um projeto que é semelhante aos camelôs, só que popular. Não está dando certo porque cria um problema para a Prefeitura, que não quer mais os camelôs pelas ruas.

Qual é a sua visão sobre a questão da coleta do lixo? De quem é a responsabilidade?

Vamos pegar como exemplo o óleo de cozinha. O que acontece? Hoje, para se desfazer do óleo, para impedir que se jogue o óleo da fritura na pia ou no vaso sanitário, a Prefeitura criou 140 lugares onde se pode entregar esse óleo. De fato, isso se chama posto de entrega voluntária. Mas quando é uma coisa voluntária assim, tu não atendes 1% de todo o produto que é utilizado. Porém, se tu consideras um centro de reciclagem, onde a lata de alumínio é comprada por quinze ou vinte centavos, essas latas são recolhidas. A partir do momento que tu estabelece um valor no posto de entrega, esse recolhimento passa a ser aproximadamente de 99%. Eu acho que a responsabilidade das empresas seria, no mínimo, pegar e comprar esse óleo. Não transferir essa tarefa para o consumidor. Até o próprio supermercado poderia ter um espaço para recolher, garantindo que esse óleo não vá direto para o meio ambiente.

Nós não somos responsáveis pelo nosso lixo?

Claro que somos responsáveis pelo nosso lixo. Mas, ao mesmo tempo, as empresas que produzem o que consumimos também são. Eu penso que o problema é a maneira como é feito o lixo. Em primeiro lugar, tem que ser avaliado do ponto do meio ambiente. Quais são os

produtos que agridem menos a natureza? Vidro e plástico. Por incrível que pareça, o consumo desses materiais corresponde a uma grande parte do lixo doméstico. Nesse sentido, é preciso que se tenha uma redução no que é descartado e também um alto índice de reaproveitamento. Uma empresa de vinho, por exemplo, deveria querer de volta a garrafa de vidro para reutilizar. De outro lado, quando se fala em consumo de plástico, seria perfeito se todas as embalagens fossem padronizadas no mundo inteiro. A maior parte delas é redonda: óleo, refrigerante, cerveja e detergente. Mas se fossem quadradas, ocupariam 25% menos de espaço. Com a redução de um caminhão para todos os produtos, o Protocolo de Kyoto é resolvido na maioria dos países. Mudando apenas o formato das embalagens! Com uma menor emissão de gás carbônico, o custo do transporte fica menor, assim como o preço do produto para o consumidor.

E como está Porto Alegre nesse sentido, em sua opinião?

Eu acho que Porto Alegre, nesse sentido, é muito interessante. Ela foi a primeira cidade do Brasil a fazer a reciclagem sistemática e a coleta seletiva a partir de 1986. Se o Brasil não conseguia chegar ao nordeste do ponto de vista dessa cultura, em Porto Alegre se chegou primeiro e, hoje, a cidade é segundo lugar no país quanto ao reaproveitamento. É por isso que as empresas querem fazer uma incinera-

dora aqui. Se der certo é porque vai dar certo no Brasil todo. Ou seja, eu posso concluir que Porto Alegre é um lugar-chave porque é uma cidade mais intelectualizada e humana, equivalente a São Paulo. Porto Alegre é um ótimo exemplo quanto à questão do lixo para o mundo todo.

Quais são teus principais projetos em Porto Alegre que envolvem lixo?

Eu quero trabalhar com uma proposta que se chama Eco-Bairro. Como mudar um bairro a partir de uma proposta ecológica? No caso, eu escolhi o bairro Floresta, onde tem uma zona industrial, comércio, habitação, lugares abandonados, drogas, sujeira e criminalidade. Uma confusão urbanística total. O que eu quero fazer, a partir das crianças, é um jogo de pára-quadras nas escolas para conscientizar desde cedo. Mais ou menos 52% do lixo da cidade é matéria orgânica. As crianças vão criar um enorme pára-quadras, feito com guarda-chuvas quebrados e reutilizados, em que vão aprender sobre a decomposição da matéria orgânica. Depois, nós vamos fazer um tonel nas escolas para produzir adubo com o lixo orgânico. Com esse adubo, a gente vai fazer uma estufa, cuja estrutura é montada com cabos de vassouras, com o objetivo de mostrar como é possível reaproveitar várias coisas. Dentro da estufa nós vamos plantar alimentos e fora vamos fazer um corredor floral. Além disso, eu pretendo ter plantas medicinais lá, tudo prático para as pessoas

do bairro: alimentos, tempero, chá e flores. Depois, pretendo expandir para outras escolas do bairro Floresta e depois para outros bairros também.

Com esse tipo de projeto, você passa a impressão de que apenas a reciclagem não é mais suficiente, certo?

O importante é saber que se tudo não é reciclável, pelo menos tudo pode ser recuperado. É possível recuperar todas essas capas de guarda-chuva e cabos de vassoura ao invés de reciclar. Dar uma outra utilidade, como o que eu faço no projeto do Eco-Bairro. É impressionante que um cabo de vassoura não resista à água. Se molhar a base dos que são feitos de metal, eles acabam enferrujando e as pessoas vão precisar de um novo. Os que vão para a reciclagem são derretidos e fundidos para produzir o mesmo cabo sem qualidade de novo. Ou seja, acaba entrando em um ciclo de comprar, jogar fora e reciclar. Nesse caso, qual é a razão da reciclagem? É um produto bonito, reciclado, mas que não resiste e só traz custo. É preciso comprar basicamente o mesmo cabo várias vezes. Quando eu dava aula sobre o meu livro para as faxineiras, eu dizia para por um esparadrapo na base para impedir que a água toque o metal, prolongando a durabilidade. Eu acho que trabalhando com esse tipo de coisa, com a ideia de melhorar o aproveitamento e o reaproveitamento, dá para mudar a visão das pessoas e até mesmo mudar a cidade.

Como você vê a nossa relação com recursos naturais, especialmente o caso do desperdício da água?

Em primeiro lugar, o Brasil tem 16% das reservas de água potável do mundo. O Canadá tem 12%. O que as pessoas têm que se dar conta é que esses 16% não estão perto de casa: estão na Amazônia e no Pantanal. Não é perto de Porto Alegre, de São Paulo ou dos grandes centros urbanos. Se acabarem as fontes locais, esse transporte terá um alto custo para o Brasil. As pessoas precisam tomar conta direito da água assim como deveriam se preocupar com a preservação das riquezas naturais da Amazônia. Eu acho que no dia em que as pessoas perceberem que tudo está muito ruim, no dia em que elas perceberem que terão que passar por uma grande mudança, vai ser muito tarde. Será tarde demais para dar mais valor para a Amazônia do que para as cabeças de gado. Para mim, isso é assustador! Mas, ao mesmo tempo, em Porto Alegre há pessoas que amam a natureza e existem aqui decisões que podem ajudar. Eu ouvi, por exemplo, que a CEASA vai tirar as caixas de madeira de circulação. Ou seja, são milhões de árvores que não serão mais cortadas. Se as embalagens couberem dentro das caixas perfeitamente, será um outro avanço. No entanto, como eu sempre digo: nem tudo que reluz é ouro e nem tudo que é verde é ecológico. Existe muita confusão e parece que tudo pode virar ambiental. É essencial saber quais são os produtos verdadeiramente verdes, os que são de qualidade e que realmente ajudam o meio ambiente.

Então a gente pode dizer que existe mais publicidade em nome do ambientalismo do que práticas ambientais?

O maior exemplo disso é o plástico verde. Saiu recentemente uma reportagem em que eles defendem "vamos queimar o lixo porque ele tem valor energético". Bom, esse tipo de matéria da Braskem sai de três a quatro vezes por semana como se a



solução para a questão do meio ambiente fosse queimar o lixo. Para mim, isso não é uma prática ambiental, é mais uma campanha de publicidade. Eles têm dinheiro e propõem as soluções de acordo com os interesses da empresa. O que não se está vendo por trás disso é que a questão econômica está vindo primeiro que a questão ambiental.

Foi você que implantou o sistema de coleta seletiva em Montreal, no Canadá, quando foi vereador da cidade. Como foi a experiência de iniciar um projeto tão inovador para uma época em que o meio ambiente ainda não recebia muita atenção?

O início da coleta seletiva foi em apenas três bairros da cidade em uma iniciativa que ficou conhecida também como EcoBairro. Era eu que dirigia esse trabalho nos três lugares e também a campanha de promoção da reciclagem. Obviamente que hoje eu faria isso de um outro jeito. Na época, a Prefeitura tinha medo de fazer uma reforma nessa questão que envolve o lixo, para que não prejudicasse o interesse econômico das grandes empresas com sede na cidade. Em termos de economia geral, tanto para as empresas como para a Prefeitura, eu pensaria de uma outra forma essa questão, porque a reciclagem tem um limite prático. Eu incluiria no projeto hoje, por exemplo, não só as empresas privadas, mas também todas as públicas. De qualquer forma, foi uma coisa interessante porque a partir dessa iniciativa o que se pensava a respeito do lixo começou a desabar. A coleta seletiva iniciou uma reflexão sobre o conceito de reciclagem que depois se espalhou por todo o país.

Como você vê a questão do trabalho com o lixo? Se não tiver mais lixo todos os catadores vão perder o seu emprego?

Não. Eu acho que nós temos que transformar esse paradigma baseado no consumo. O pessoal do galpão de reciclagem diz "vamos pedir mais lixo para que

a gente tenha mais dinheiro". Mas não é assim que funciona. O que me interessa, por exemplo, não é a garrafa do suco de uva, mas sim que as pessoas possam ter suco de uva para beber. Se eu consigo diminuir o custo da embalagem ou o custo da distribuição, isso permite que mais pessoas tenham acesso ao suco de uva. Para mim, isso seria mais interessante do que movimentar a economia com o desperdício da garrafa. Dessa forma, o preço do suco de uva fica mais em conta e o número de pessoas que pode comprar fica igualmente maior. Eu acho que se o desperdício brasileiro fosse igual ao norte-americano, as pessoas certamente teriam que trabalhar mais para comprar exatamente as mesmas coisas. O que precisa ser feito é melhorar a qualidade do consumo para reduzir o desperdício e não aumentar o desperdício para aumentar a renda. Eu acho um pouco estranho os brasileiros comprarem suco em pó em um país que se produz tanta fruta.

Como é possível reduzir esse desperdício?

Com o aproveitamento melhor do transporte rodoviário e até mesmo do ferroviário e do fluvial, que são tão pouco explorados no Brasil. Desse jeito, poderia ser aproveitada uma parte ainda maior de tudo que é produzido. Para mim, muita coisa acaba estragando e sendo perdida pelo caminho. Outra coisa importante seria se todos os produtos tivessem embalagens que se encaixassem dentro dos veículos. Desse modo, seria possível aproveitar melhor o espaço interno do transporte e reduzir o custo com a distribuição.

Em países desenvolvidos não há uma descriminalização tão grande com quem trabalha com o lixo como acontece aqui no Brasil. É possível ter um emprego digno trabalhando exclusivamente com o lixo?

A diferença do Brasil para os outros países é que aqui não existe apenas a pobreza, mas também a miséria. Nesse aspec-



to a questão do lixo fica muito desvalorizada. Na China, por exemplo, a coleta é feita com bicicletas, o que traz qualidade para o serviço de quem trabalha com lixo. Na comparação do que é feito no Brasil e na China, os catadores de lá conseguem dobrar a quantidade do que é recolhido e reduzir praticamente pela metade o cansaço. Na prática, se o catador consegue juntar mais plástico, maior a quantidade do que vai ser moído e reciclado. Ou seja, mais trabalho pra quem se envolve com a reciclagem. Eu acho que dá para viver do lixo de forma satisfatória. O problema no Brasil é que as pessoas que trabalham com reciclagem ganham muito pouco, por causa dos atravessadores, e acabam desvalorizadas. Eu realmente não entendo o porquê desse preconceito. No entanto, eu acho que seria interessante diminuir o número de catadores desde que aumentasse a quantidade de pessoas que trabalham de forma criativa com o lixo. Por exemplo: transformando o que é jogado fora em adubo ou em alguma outra coisa de valor. Ou seja, fazer do lixo um ganho coletivo.

Você vê uma luz no fim do túnel para que a questão do meio ambiente seja revertida ao nosso favor?

Eu aprendi aqui no Brasil que a esperança é a última que morre. Mas eu, realmente, não sei o que pensar sobre isso. Quando

houve as primeiras enchentes na Argentina, se pensou que o Brasil, eu não sei por qual sentimento, era um país protegido. Mas é só lembrar o que aconteceu recentemente em Santa Catarina e que, logo em seguida, foi assinado o contrato para a exploração do pré-sal. Eu acho que existe uma contradição nisso. O Brasil quer ser uma potência mundial, mas não existe uma medida inteligente para que isso aconteça. Por exemplo, as empresas acham que a solução é queimar o lixo. Eu realmente não sei o que pode acontecer com o meio ambiente no futuro desse jeito. A maioria dos projetos ambientais serve hoje para melhorar a qualidade de vida das pessoas e não para garantir a salvação do planeta.

Pela primeira vez, a eleição presidencial de 2010 poderá colocar em pauta o meio ambiente. Você acredita que ele poderá decidir quem será o nosso próximo presidente?

Talvez. Conter o aquecimento global, por exemplo, está no centro do debate. A realidade tem mostrado que não são as iniciativas individuais que poderão mudar alguma coisa no mundo ou mesmo no Brasil. O problema é que a resposta ninguém dá. Eu acho que o caminho para melhorar alguma coisa, com certeza, passa pelo Estado. Só que ao mesmo tempo em que eu penso isso, as pessoas estão tão desinformadas e aplaudindo o surgimento do plástico verde como se

o problema que impede o desenvolvimento da economia fosse a questão energética. O Estado, na figura do presidente, precisa participar de forma mais ativa das decisões que são tomadas pelas empresas e que envolvem consumo e meio ambiente.

É preciso compreender o conceito de consumo de uma forma diferente?

O grande desafio não é aumentar o consumo, mas sim melhorar a qualidade do que é consumido. As propagandas da televisão estimulam para que as pessoas, quando chegue o dia do pagamento, vão para o shopping gastar todo o salário em apenas trinta minutos. Eu considero importante se perguntar, nesses casos, se tudo o que está sendo comprado é realmente necessário. Eu acho que tu tocaste numa questão fundamental. Eu considero que seja importante aumentar o consumo, mas de uma forma que não prejudique a natureza. É muito bom que as pessoas possam aproveitar a vida, que elas possam ter lazer e ter a sensação de liberdade pelo menos uma vez. Eu acho agradável que as pessoas possam comprar várias coisas, aproveitar o sol na beira da praia, possuir uma alimentação com mais variedade. No entanto, o importante é aumentar o consumo sem que isso gere desperdício. 🗑️

Desconstruindo Ilha das Flores

PAULO FINATTO JR.
paulofinattojr@hotmail.com

Como a ficção que aproxima porcos, tomates, lixo e seres humanos como nós é tão verdadeira quanto assustadora.

ESTE É UM FILME de ficção. Diferente dos créditos de apresentação do curta *Ilha das Flores*, nenhum dos personagens da história é real. sr. Suzuki não existe. Dona Anete também não. A Ilha das Flores, na verdade, é a Ilha dos Marinheiros.

Embora não seja um documentário como parece, o que o curta-metragem de Jorge Furtado apresenta é assustadoramente verdade. O filme mostra o que acontece mais próximo de nós do que se imagina. Em qualquer lugar do Brasil e do mundo onde a miséria se mostra em evidência também. Pessoas que comem lixo.

Por outro lado, a trajetória do tomate é real. Uma porção razoável da produção mundial do alimento – cerca de 61 milhões de toneladas a cada ano – não é consumida. Porto Alegre descarta 500 toneladas de lixo todos os dias. Diariamente, o tomate que é jogado fora se mistura com mais lixo na Ilha dos Marinheiros. Mesmo sem condições adequadas para o consumo, é reaproveitado por famílias pobres que não têm dinheiro.

Ilha das Flores choca o espectador por atingir em cheio a consciência de quem consome. Principalmente de quem desperdiça mais do que aproveita. O telencéfalo desenvolvido e o polegar opositor sustentam a humanidade no topo da civilização e não os porcos. No entanto, os suínos, que se alimentam primeiro do lixo que os humanos sem dinheiro – mesmo não sendo falso – é traumatizante e pesado demais até para os mais fortes. Em algum lugar isso realmente acontece.

Premiado com o Urso de Prata no Festival de Berlim (1990) e considerado – por que não? – a obra de maior relevância do cinema brasileiro, *Ilha das Flores*, mesmo após vinte anos, continua sendo atual a respeito da dicotomia presente entre alimento e lixo. Mais que isso. *Ilha das Flores* é um filme extremamente crítico, capaz de dar um murro certo no comportamento humano diante do outro e no significado do que é ser livre. 🗑️



A casa limpa da faxineira ecológica de Denis Beauchamp
Editora do autor
96 páginas
R\$10



Ilha das Flores, de Jorge Furtado
Casa de Cinema de Porto Alegre,
1989, 12 min.

Para limpar a casa sem fazer sujeira

DEMETRIO PEREIRA
demetrio.pereira@gmail.com

“UM GRAMA de ação vale mais que uma tonelada de palavras”. É com a frase do líder espiritual hindu Shivananda que Denis Beauchamp abre o livro *A casa limpa da faxineira ecológica*, e não haveria como encontrar introdução mais adequada. Entre um libelo utopista contra o desperdício e a degradação ambiental e um manual prático sobre como reduzir o consumo de produtos industrializados, o livro é este segundo. Não há nem sombra de revolta verde ou grandiloquência revolucionária. Nada que não esteja ao alcance de toda e qualquer mão. Trata-se de um livro de receitas, direto ao ponto, sem frescuras, escrito menos para ser lido do que para ser usado.

Não fica nada de fora: exercícios de alongamento, soluções para a limpeza da cozinha, do banheiro, do dormitório, da área de serviço, da sala de estar, do escritório, orientações para reciclagem de materiais, receitas para shampoos, dicas de economia e, como se não bastasse, instruções para uma automassagem garantidora do bom descanso após a trabalhadeira de assear todo o lar.

Denis ensina, passo a passo, como preparar produtos de limpeza. Desinfetante está na lista do supermercado? Para quê? Experimente deixar 20 folhas verdes de eucalipto descansar em 250 ml de álcool por dois dias. Em fogo baixo, ferva 500 ml de água e 125 ml de sabão de coco ralado, misturando até dissolvê-lo. Depois, junte tudo isso a 1,5 litros de água e misture bem. Eis o desinfetante caseiro. Uma embalagem de plástico a menos no lixo.

E que tal aplicar os 3 Rs (reduzir, reutilizar, reciclar) na utilização de sacolas plásticas? Há como aproveitá-las para recolher as fezes dos animais de estimação, conservar vegetais frescos por mais tempo na geladeira e organizar a separação do lixo seco e orgânico. Seguir alguns dos conselhos de *A casa limpa da faxineira ecológica* tem como resultado a redução brutal do lixo doméstico. De uma forma ou de outra, tudo é reaproveitável.

Nenhuma qualificação parece se adequar melhor a Denis Beauchamp que “canadense muito doido”. Nas palavras do Ungaretti: “Bah, muito doido. Ele inverte a lógica das coisas. Parado, ele olha para as frutas numa feira e diz: ‘Vocês não fazem ideia do privilégio que têm, aqui no Brasil. Com 10 reais, vou ali e levo manga, banana, pêra... Sabe quanto isso custa na Europa?’”. O André Oliveira, do Coletivo Catarse, utiliza o mesmo termo para se referir ao entrevistado desta 3x4. O que mais dizer de um cara cujo livro demonstra como economizar a

água da caixa de descarga colocando dentro dela garrafas de 500 ml cheias de areia? Doideira total.

No Brasil, além de 10 reais encherem uma cesta de frutas, também bancam esta publicação de Denis Beauchamp. O livro é curto, mas não é para ser lido. É para ser consultado, tratado como a primeira ferramenta do trabalho doméstico. As 96 páginas representam algumas poucas gramas de palavras que, certamente, encaminham toneladas de ação. Shivananda saberia dizer o quanto isso vale. 🗑️



Seguir alguns dos conselhos de *A casa limpa da faxineira ecológica* tem como resultado a redução brutal do lixo doméstico





ENSAIO FOTOGRÁFICO

“Aqui o bagulho é doido”

»»»»»»»»»»
MATEUS SILVA
mateus.jornal@ymail.com

É O QUE SE PODE ler no muro de uma das entradas da Vila dos Papeiros, um conglomerado de barracos rodeado por suntuosos prédios públicos no bairro Cidade Baixa. É meio-dia e um homem está desacordado sob um sol escaldante. Bem perto, crianças tentam consertar sua motoca. Elas procuram algo que possa servir nas sacolas de lixo que vão caindo das carroças que mantêm um intenso tráfego pelo corredor. Isso porque alguns carroceiros usam suas residências como depósito para materiais que eventualmente não foram

vendidos. A combinação entre papel, plástico e péssimas instalações elétricas causa constantes incêndios. Só neste ano foram quatro. O plano de ação da Prefeitura é encaminhar gradualmente essas famílias para loteamentos populares fora do Centro. Como o ritmo de construção das moradias é lento e as vagas de trabalho que seriam necessárias para remanejamento da mão de obra não aparecem, a Vila dos Papeiros persiste como fenômeno social forjado pelo lixo.



REVISÃO DOS MÉTODOS PRODUTIVOS

GAIVOTAS dividem espaço com urubus, pneus e garrafas pet em um banco de areia no meio do Guaíba. Ao fundo, as torres da fábrica instalada na cidade vizinha. Há 37 anos, quando entrou em funcionamento como Borregaard, des-

sas chaminés eram expelidos compostos sulfurados que, além de tóxicos, infestaram a Capital com um terrível cheiro de ovo podre. Houve uma revolta popular. A Assembleia Legislativa instalou uma Comissão de Inquérito que resultou na

interdição da fábrica. À frente do movimento, nomes de peso da recém nascida Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (Agapan) como Caio Lustosa, Celso Marques e Sebastião Pinheiro. Entre eles, o ambientalista porto-alegrense José

Lutzenberger, que foi convidado a propor medidas que permitiram a reabertura do complexo. Um momento histórico da luta ambiental, como anotou a jornalista Lilian Dreyer, na biografia que fez de Lutzenberger: "o episódio solidificou um dos

mais combativos movimentos de resistência ecologista que o Brasil já conheceu e inaugurou um inédito processo de revisão dos métodos produtivos."



“ACHO QUE ESCOLHI SER HONESTO”

É o que pensa sobre si mesmo Daniel da Conceição, catador de lixo. Com a morte da mãe e a prisão do pai por tráfico de drogas, Daniel se viu sozinho com apenas doze anos – hoje tem vinte e dois. Cresceu na Vila dos Paapeiros onde convive com dois traficantes e a tentação iminente do dinheiro fácil: “Eles tiram em média trezentos, quatrocentos reais por dia. Eu tiro no máximo vinte como catador”. Daniel concluiu o Ensino Fundamental e já trabalhou numa empresa de supermercados onde ganhava

até trinta por cento menos que hoje. Seu trabalho começa às dez horas da manhã e vai até às seis da tarde. No fim do dia, junta-se à procissão de carrinhos que se deslocam até os galpões que compram o material reciclado nas avenidas Mauá e Voluntários da Pátria. Cercado de vícios, Daniel afirma que fuma diariamente maconha e que, às vezes, usa o crack: “A pedra te dá uma sensação incrível de que tudo vai dar certo e que a vida vai melhorar. Só na hora”, constata o jovem.



SÓ DE LONGE

É a única forma que a gari Iara aceita ser fotografada, pois teme perder o emprego caso alguém a reconheça. Segundo ela, a empresa que a contrata não assina sua carteira de trabalho nem custeia os vales-transporte. “Eles assinam um contrato e ficam renovando. Eu estou há oito meses nessa”, diz. Questionada, a Cootravipa informou que é uma cooperativa; que os trabalhadores não são empregados e sim sócios, por isso não têm a carteira assinada. Iara varre o chão e esvazia cestos de lixo na esquina das avenidas Borges de Me-

deiros e Saldado Filho. Cumpre dois contratos de trabalho totalizando um rendimento bruto mensal de R\$ 850. É uma rotina para poucos: inicia às oito horas da manhã, tem um intervalo às quatro da tarde e vai até às 23h. É madrugada alta quando chega em casa, na Vila Farrapos, Zona Norte da Capital. Então começa a jornada da mãe solteira de dois garotos, um de quatro e outro de nove anos: “Nós três somos uma família feliz” garante, esboçando um sorriso.



“A POBREZA É UM CLICHÊ NO BRASIL”

O coreógrafo escocês Mark Siczek, 46, desenvolveu sua carreira artística na Europa, onde atua há vinte anos. Em 2008, foi convidado a montar um espetáculo de dança inspirado na cidade de Porto Alegre. Uma vez, na capital, estranhou a quantidade de lixo e de pessoas amontoados pelas ruas e a indiferença dos transeuntes: “Era como se ninguém os visse”,

exclama. Seu trabalho ganhou molde numa visita que fez à Usina de Reciclagem da Associação dos Direitos dos Moradores de Rua, próxima ao Estádio Beira-Rio. Além de inspiração, os recicladores ajudaram no figurino, feito de materiais reciclados (na foto Siczek mostra uma saia de tampas de garrafa). “Meu objetivo não foi criticar. A pobreza é um clichê no Brasil. Eu

quis representar a vida deles de uma forma bonita, não óbvia.” Na noite de estréia de *Olhos fechados no sol*, um grupo de recicladores foi assistir: “Eles não acreditavam que fosse possível expor a realidade deles num lugar tão nobre quanto o Teatro São Pedro. Foi um momento mágico para mim e para eles.”

Apenas mais um José

KAREN DEL MAURO
kaka_0583@hotmail.com

CATADORES DE LIXO. Quem são esses homens e mulheres que andam pelas ruas recolhendo material nas lixeiras? Doidos? Maloqueiros? Drogados? Eles têm família? Têm sonhos? Qual é a história de vida dessas pessoas que recolhem o lixo que nós mesmos produzimos?

Na primeira vez que vi o Seu José, chovia muito e ele estava em frente ao meu prédio. “Mana, tu já viu o cara do cachorro?”. O senhor de cinquenta e poucos anos não é um catador de lixo como os que se vê por aí. Nunca o vi bêbado ou chapado, o que eu pensava ser uma prática da maioria das pessoas que trabalham com o lixo. Eu imaginava que para viver recolhendo material das lixeiras nas ruas e ainda ter que aturar a cara feia de muitas pessoas, só tomando um traguinho mesmo. Mas o Seu José é diferente.

Naquele dia ia passar o caminhão do lixo na minha rua. Ele estava recolhendo plásticos em uma lixeira e eu percebi que estava com pressa. Muito educadamente, ele me disse que, naquela hora, era ruim para conversar. Combinamos para sábado de tarde. Pareceu ter ficado feliz com o meu convite. Na mesma quadra havia outros dois homens, também apressados, recolhendo material para vender nos depósitos de reciclagem. Não existe divisão ou acordo. O lixo é de quem chegar primeiro. Sem essa de camaradagem.

Aliás, José deixou claro que não gosta de amizades, nem de falar com estranhos. O Urso é o amigo que ele comprou há três anos, em Canoas. Um *rottweiler* enorme e mais bem cuidado que muito *poodle* por aí. No carrinho do José havia vários sacos da ração Pedigree e, pendurada, uma camiseta branca na qual estava escrito à caneta “não gosto que fale com o meu cachorro”. “Esses dias eu sai e roubaram meu cobertor daqui do carrinho”. Certa vez, um cara quebrou um vidro na rua Cauduro e disseram que tinha sido o Seu José. A polícia veio ver se o cara tinha se escondido na barraca com ele. José percebeu que, muitas vezes, o cachorro é, de fato, o melhor amigo do homem.

José está na capital gaúcha desde 2002. Ele tem duas irmãs, dois irmãos e cunhados em Santo Antonio da Patrulha, no interior do Estado. Todos trabalham nas fábricas de vas-

soura e de rapadura na região. Quando ficou desempregado, decidiu vir para Porto Alegre: “Eu pensava que aqui era bom de morar na rua porque tinha chuveiros nas calçadas”. No início, ele sentia vergonha de catar latinhas. Depois começou a ver que dava para “tirar um dinheiro”.

José arrumou um carrinho de supermercado para colocar o material que ia recolhendo nas lixeiras. Nessa época viajava para Santo Antonio da Patrulha e uma vez foi até Capão da Canoa a pé, empurrando o “instrumento de trabalho” pelo acostamento da estrada. Ficou dois dias lá e voltou. Depois comprou um carrinho maior, com mais ou menos dois metros de comprimento por um de largura. E nunca mais pôde viajar: “Eu não teria onde deixar o carrinho. Antes na vida, eu já viajei bastante: Manaus, Rio de Janeiro, Cuiabá, Belo Horizonte. Já trabalhei em São Paulo, numa construção. Nessa obra não tinha nenhum paulista lá”. Ele disse que sonha em se mudar para São Paulo, mas acha que agora é ruim porque não teria como levar o carrinho.

E o tal do carrinho está sempre cheio. Cheio de latinhas, garrafas, plástico, papelão. Pagam mais pelo papel branco. O papelão que leva tinta é de segunda qualidade. O plástico que vale mais é o “leitoso”, aquele branco usado em embalagens de iogurte. E ele ia falando e pegando o material para me mostrar. Donos de bares na Goethe guardam as latinhas para o José recolher. Ele junta tudo e consegue lotar o carrinho a cada dois dias. Muito desconfiado, ele custou a dizer quanto ganha. Em média, R\$ 30, R\$ 50, depende do tipo de material que recolhe. José vende em um depósito na rua Garibaldi, perto da Farrapos. “Uma vez tinha uma picareta aí que comprava da gente e pagava só 30 centavos o quilo, e depois revendia no depósito. Agora eu vou lá e vendo direto”.

Ele explicou que o material mais procurado é o cobre. “Mas tem que ter registro no depósito, com a carteira de identidade, para poder vender o cobre. A polícia proíbe o depósito comprar de quem não tem registro e vai lá de vez em quando dar uma olhada”. Nas latas de lixo, José já achou muita coisa diferente, como

munição de fuzil em uma rua próxima à avenida Protásio. Guardou por um tempo, mas acha que depois lhe roubaram, ou perdeu.

“Tu não vai anotar nada?”. Ele ficou desconfiado. Perguntou o preço, onde era vendido e qual era o tamanho do menor gravador que

O Urso é o amigo que ele comprou há três anos, em Canoas. Um rottweiler enorme e mais bem cuidado que muito poodle por aí. No carrinho do José havia vários sacos da ração Pedigree e, pendurada, uma camiseta branca na qual estava escrito à caneta “não gosto que fale com o meu cachorro”

existia. “Tem jornalista que esconde um gravador bem pequeno na gravata”. Eu expliquei que não estava gravando nossa conversa, que a entrevista era para a revista. E ele não parava de arrumar o material dentro do carrinho enquanto conversava comigo na calçada. Contou de uma vez que emprestou cinquenta centavos para um cara. O homem não devolveu o dinheiro. Pela primeira vez, o Seu José, de fala mansa e pausada, falou mais agitado: “Quando encontrei ele, dei um soco. Durante todo o tempo que eu tô na rua, nunca pedi nada para ninguém, muito menos para quem tem menos que eu. Nem água. Por isso não gosto de estranho, eles vem fazendo amizade e depois se prevalecem.”

Esses dias fazia muito frio e caía uma chuva varada. Eu estava chegando e vi o carrinho do José na calçada. Ele tinha puxado a lona até a grade de um prédio para montar a “barraca”. Mas só o Urso estava amarrado ali debaixo do plástico. O catador estava na chuva, recolhendo material nos sacos de lixo deixados na calçada da minha rua à espera do caminhão de lixo. Sem camiseta, andava de uma lixeira para outra. O pote de iogurte que eu tinha comido naquela manhã, a latinha de cerveja que meu vizinho tinha bebido ontem, tudo ali com o Seu José. “Nos dias que chove os outros catadores tudo somem, daí eu fico aí. Eu fico sempre.” Nesses dias, a rua é só dele. Sem concorrência. 🐾



O lixo da saúde e a saúde do lixo



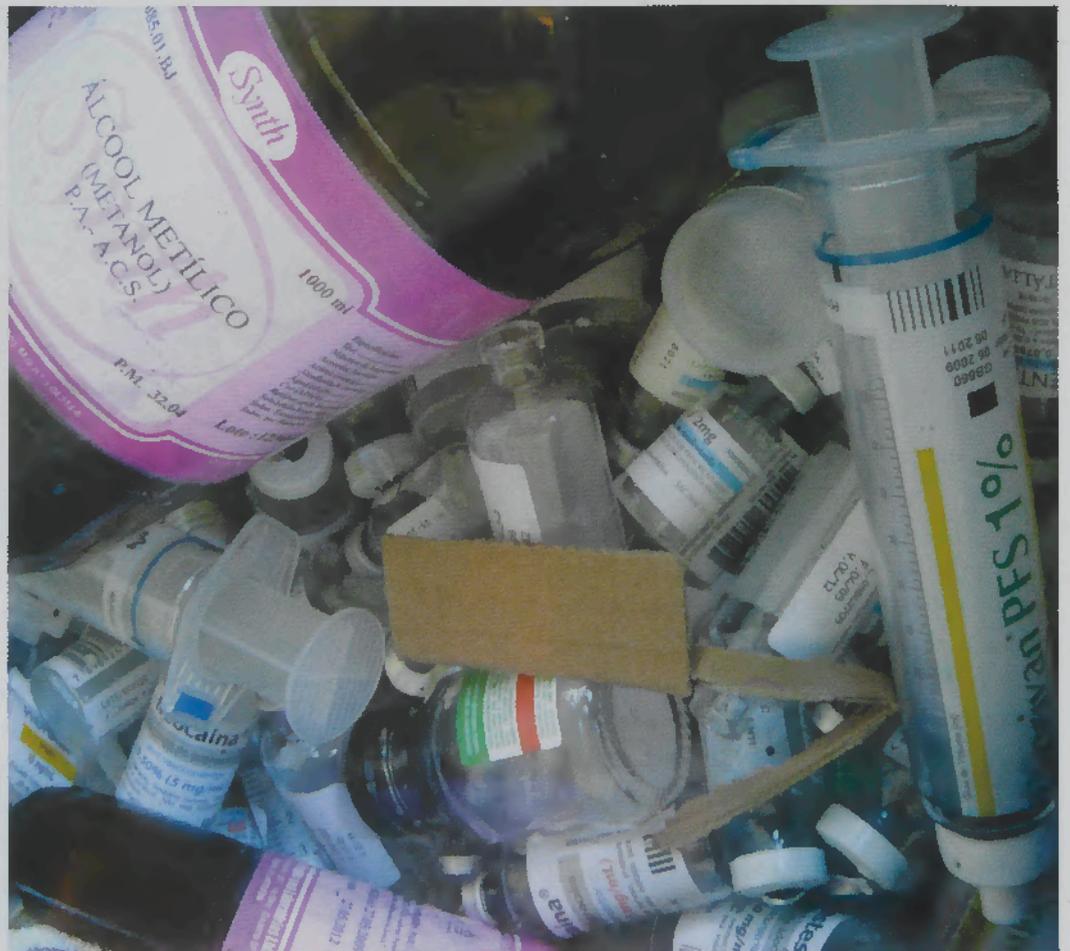
MÁRIA ELISA LISBÔA
isaswarolis@gmail.com



BRUNA PASSOS AMARAL
a.bruna@yahoo.com.br

CHEIRO DE FORMOL ou quartos esbranquiçados que hospedam pacientes à busca da cura é o que vem à mente quando lembramos da palavra “hospitalar”. Acrescentemos a ela, então, o termo “lixo”, ou para os que o consideram inadequado, falemos em “resíduos”. O resultado é uma combinação perigosa, delicada, e que movimenta desde enfermeiros e carregadores de caminhão até acionistas de grandes empresas.

Assim como em um centro urbano, no interior de um grande hospital são produzidos diversos tipos de resíduos. A legislação do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama), em seu artigo 358 de 2005, os subdivide em cinco grupos. O primeiro é formado pela possível presença de agentes biológicos que, por suas características de maior virulência ou concentração, podem apresentar risco de infecção. No segundo, estão resíduos contendo substâncias químicas que podem apresentar risco à saúde pública ou ao meio ambiente. Fazem parte do terceiro grupo quaisquer materiais resultantes de atividades que contenham radionuclídeos (usados em medicina nuclear e em radioterapia). O quarto tipo de resíduo tem características equivalentes ao lixo domiciliar, ou seja, não apresenta risco à saúde humana e ao meio ambiente. As agulhas ou lâminas de



bisturi integram o último grupo, ou seja, de materiais perfurocortantes ou escarificantes.

O Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) produz todos esses tipos de resíduos diariamente. Uma tonelada é o que sai do primeiro grupo. Duas caçambas de 15m³ levam todo o dia do hospital aquilo que pode ser re-



Duas caçambas de 15m³ levam todo o dia do hospital aquilo que pode ser reciclado. **Do contrário**, o tratamento dado aos outros tipos de lixo é específico.

ciclado. Do contrário, o tratamento dado aos outros tipos de lixo é específico. O processo mais indicado para os resíduos com risco de contaminação é a autoclavagem, em que uma espécie de caldeira movida a alta temperatura (150°C) e a alta pressão. Feita a esterilização, o material deixa a autoclave e é aterrado.

Até chegar ao aterro ou ser reciclado, o lixo necessita da organização, da boa vontade e do sono de muita gente: “Tudo o que lida com a saúde exige cuidado”, afirma a enfermeira responsável pela higienização do HCPA, Ana

Thomas. Nesse hospital, lixeiras diferentes e sacolas plásticas com etiquetas específicas funcionam como sinalizadores para a coleta seletiva, além do treinamento anual dos funcionários responsáveis por ela: “Temos uma página na nossa intranet informando como descartar o lixo no hospital. É um trabalho bem grande porque nós temos uma alta rotatividade. Somos um hospital-escola e isso faz que todos tenham que ser muito presentes”, argumenta. Apesar de todo o esforço nos andares e unidades do complexo hospitalar, o principal inimigo do descarte correto dos resíduos é a separação mal feita. Max Müller coleta e transporta o lixo dentro do Clínicas todas as noites há um ano, e afirma que, de um modo geral, há separação, “mas tem muito lixo inadequado. Às vezes, podemos nos machucar com objetos que não estão onde deveriam”. A sua rotina inicia às 20h e vai noite adentro, levando o lixo de cada andar para o local correto no pátio do hospital. “É um trabalho cansativo”, diz.

Boa parcela do lixo carregado por Müller e outros funcionários do Clínicas ao deixar o hospital é recolhida pelo Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU) e encaminhada para aterros comuns ou unidades de reciclagem. De acordo com o técnico responsável pela higienização, Carlos Alberto Vieira Morales, há uma pré-seleção desses resíduos nos carros de transporte dentro do hospital, que funcionam a todo o vapor no turno da noite. A maior quantidade do lixo é coletada



nos blocos cirúrgicos e nas CTIs. Desses resíduos, os que apresentam risco de contaminação (risco biológico) são separados em bombonas que são recolhidas pela empresa Aborgama do Brasil. O trabalho realizado pela empresa é licenciado pela Fundação Estadual de Proteção Ambiental (FEPAM) desde 2003, quando a planta de tratamento na zona rural de Sapucaia do Sul abriu suas portas para receber as 14 toneladas diárias de lixo recolhidos em hospitais, clínicas médicas e dentárias, postos de saúde, ambulatórios, funerárias, serviços de medicina legal, serviços de acupuntura e serviços de tatuagem de Porto Alegre.



Depois de passar por uma balança, o lixo chega na planta de tratamento, onde é colocado em contêineres forrados com



apesar do lixo enterrado pelas empresas em Sapucaia do Sul tecnicamente não representar mais perigo biológico, ele não deixa de ser lixo

papel pardo plastificado. De acordo com a engenheira química da empresa responsável pela movimentação, Cristina Variso, o único momento em que os funcionários têm contato com os resíduos é durante o descarregamento e todos recebem e usam equipamento de seguran-

ça. Seis trabalhadores recolocavam o papel pardo e faziam limpeza nos contêineres enquanto fazíamos a entrevista, apenas um deles usava luvas. Nenhum usava máscara. Agulhas, seringas e outros materiais cortantes, vidros de remédio e demais objetos inadequados, como uma garrafa de Pepsi cheia de um líquido laranja e plásticos de embalagem de seringa faziam parte da paisagem que leva a última pincelada do odor característico, um cheiro de plástico queimado que mesmo depois de horas ainda incomoda as narinas.

Esse cheiro é produzido pelo material que sai fumegando após 50 minutos de esterilização na autoclave. Depois desse processo, o lixo já "limpo" e sem representar risco de contaminação vai descansar eternamente em uma das 12 valas que compõem o aterro. Cada uma delas tem em média 12 metros de profundidade e 120 de comprimento. São verdadeiras montanhas de lixo sobre uma camada de imperme-

abilizante, argila e plástico que, ao esgotarem a capacidade da vala, são cobertas de mais uma camada de plástico e argila, formando morros, como os dez já fechados no aterro de Sapucaia, ocultados por grama. Segundo o uruguaio Jorge Moreira, diretor comercial da empresa Aborgama do Brasil, dentro de três a quatro anos a capacidade do aterro da Multiserviços nessa cidade vai se esgotar. Aí a empresa terá de procurar outro aterro licenciado para depositar o lixo recolhido.

A Aborgama é responsável pelo transporte e tratamento de 90% dos resíduos de saúde produzidos em Porto Alegre. Mas ela não trabalha sozinha. 30% das suas ações pertencem à empresa Multiserviços, que vendeu para a Aborgama dois hectares de terra do seu aterro em Sapucaia para o depósito dos resíduos de risco biológico já desinfetado: "Isso facilita nosso trabalho, porque não precisamos pagar o transporte do lixo até um aterro de fora. É só retirar o lixo da au-

toclave e depositá-lo ali mesmo. Mas cada metro cúbico é pago para a Multiserviços", conta Moreira, pois tratar com o que a sociedade prefere ignorar é um negócio sério e também lucrativo: "Isso aqui não é uma ONG, é uma empresa que quer ter resultado", afirma. O valor pago por cada bombona cheia de lixo que a Aborgama esteriliza é sigiloso.

Segundo a empresa, o projeto de instalação das autoclaves foi feito de maneira a ter o menor impacto ambiental possível, e a técnica usada, o vapor úmido, é autossustentável, pois a água usada é tratada no próprio local e reaproveitada. Todo o licenciamento e funcionamento da empresa está em ordem com as resoluções da Fepam, que, inclusive, afirma que esse tipo de tratamento não precisa de estudo de impacto ambiental. Isso, no entanto, leva a um questionamento dessa posição um tanto quanto contraditória do órgão: apesar do lixo enterrado pelas

empresas em Sapucaia do Sul tecnicamente não representar mais perigo biológico, ele não deixa de ser lixo, que leva algumas centenas de anos para se decompor na natureza e vai passar muitos anos liberando gases na atmosfera. Mas aparentemente o lixo esterilizado é tão "limpo" que nada impede as plantas da Aborgama e da Multiserviços de funcionarem nas proximidades de uma reserva ambiental particular regulamentada desde 2002 pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (Ibama). O instituto já aplicou duas multas na empresa por conta disso, uma de R\$ 8 mil e outra de R\$ 78 mil. A Aborgama ainda recorre na justiça para não pagar as multas por estar desde 2003 enterrando lixo nas proximidades de "um dos últimos remanescentes de um rico e complexo ambiente ecológico", como afirma o Ibama no processo que ainda corre na Vara Federal Ambiental.





Desafios e possibilidades: a reciclagem de carros no Brasil



RAIZA FRAGA
raiza.fraga@yahoo.com.br

COM A URGÊNCIA de um debate ambiental sério e eficaz, o destino que damos aos objetos que nos rodeiam ganha proporções cada vez maiores, afinal para tudo que tem um início existe um fim. Sacolinhas plásticas estiveram na moda. Papel, garrafa pet e pneus são itens comumente recicláveis e reutilizáveis, mas você já parou para pensar na reciclagem de carros?

A indústria brasileira comemorou recorde de venda de carros no ano de 2008. Segundo a Federação Nacional de Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave), entraram em circulação nas ruas quatro milhões oitocentos e cinquenta mil novos veículos. Estimativas numéricas é que não faltam para sustentar o bem que esse dado representa para a economia brasileira. Graças ao incentivo ao mercado interno fomos capazes de ver a crise econômica mundial passar disfarçada de marolinha.

Mas enquanto se comemora o sucesso de vendas, pouco o poder público no Brasil tem feito para o fechamento do ciclo de vida desse produto. Na iniciativa privada, raros são aqueles que se aventuram no lucrativo mercado de reciclagem de veículos. A grande parte dos carros que um dia foram novos e cheirosos acabam como carcaças sujas jogadas em algum terreno baldio.

O Brasil recicla hoje apenas 1,5% da sua frota total de carros. Daqueles que saem das ruas 98,5% terminam em desmanches ou depósitos, em grande parte ilegais, segundo estimativa do Sindicato do Comércio Atacadista de Sucata Ferrosa e Não Ferrosa (Sindinesfa).

Reciclar carro é aço. Aço é dinheiro.

A demanda pelo aço mais barato foi impulsionada pelo crescimento da China. Óbvio ou não, um carro é constituído majoritariamente de aço, acompanhado de outras matérias-primas como vidro, borracha, plástico, tapeçaria e demais tipos de metais, todos passíveis de reciclagem. Não é difícil perceber que esse processo é hoje um mercado que gira na casa de bilhões de dólares. A produção de aço, através do reaproveitamento de carros velhos, chega a economizar 74% da energia necessária para a produção do aço novo (dados da Agência de Proteção ao Meio Ambiente dos Estados Unidos).

O Brasil recicla hoje apenas 1,5% da sua frota total de carros. Daqueles que saem das ruas 98,5% terminam em desmanches ou depósitos, em grande parte ilegais

A automatização na indústria de reciclagem de automóveis acelera o processo de transformação de um carro velho em aço pronto para ser comercializado novamente. Tudo acontece em uma enorme máquina compactadora que esmaga todas as carcaças transformando-as em pequenos pedaços, posteriormente separados e revendidos. Antes disso, ocorre a limpeza e extração dos materiais que não são reaproveitáveis. Estofados, vidros e borracha são separados para uma reciclagem à parte.

Para as empresas representantes desse nicho, como a RFR em Garulhos, a reciclagem de carros é uma iniciativa que soluciona mais de um problema ao mesmo tempo. Além da responsabilidade ambiental em recuperar o aço (matéria-prima altamente cotada no mercado internacional) e os demais materiais que constituem um carro, a reciclagem também pode ser encarada como política sócio-econômica quando regulamenta a saída dos carros de circulação. Centros especializados em reciclagem, gerando empregos e com maior controle sobre carros e seus componentes coíbem o furto de veículos destinados aos desmanches e à venda ilegal de peças.

De acordo com o secretário da Sindinesfa, José Jair da Silva, a grande problemática que freia o desenvolvimento eficaz da reciclagem de veículos no Brasil se dá entre o carro velho e a estação de reciclagem. Não há uma estrutura preparada para coletar as carcaças e levá-las até um lugar apropriado. Outro fator é a vida útil de um automóvel em território brasileiro. Grande parte da população enfrenta dificuldades para adquirir um. Aqui um carro pode durar uma vida inteira, inibindo por sua vez o ciclo acelerado da reciclagem.

Atualmente a Gerdau é a empresa que mais recicla veículos no país, trabalhando apenas com aqueles que tiveram perda total através de um contrato com seguradoras. A siderúrgica gaúcha recupera por ano 18 milhões de toneladas de aço e metais reutilizando-os em novas fundições.

Experiências de reciclagem

Em lugares como Estados Unidos, Japão e Europa, no entanto, a reciclagem de carros já faz parte do ciclo industrial, sendo que na União Européia a legislação responsabiliza os próprios fabricantes: são eles que devem se encarregar da reciclagem de 85 a 90% do material. Seguindo a tendência sócio-ambiental de responsabilizar não o poder público, mas

as indústrias privadas pelo impacto ambiental, a meta é a de se obrigar todos os fabricantes de produtos industrializados a incluir no preço final de venda do produto, o custo de sua reciclagem.

Até mesmo a vizinha Argentina criou centros de reciclagem após a crise que abalou o país em 2003, como uma medida de frear o aumento de furto de carros e acabar de vez com os desmanches ilegais.

Legalmente, o mais próximo que se chega dessa questão aqui no Brasil são as resoluções do Denatran (Departamento Nacional de Trânsito) que regulamentam o estado de conservação de um veículo e permite, ou não, que ele circule. Na teoria, os centros de vistoria deveriam inspecionar todos os carros em circulação periodicamente. Na prática isso não acontece com frequência, mas seria uma excelente oportunidade para o correto recolhimento de carros antigos para a reciclagem.

Tecnologia necessária para viabilizar sistemas de reciclagem dos automóveis que deixamos de dirigir existem. A indústria metalúrgica pesada, seja na Europa ou na América Latina, já possui máquinas que transformam quilos de ferro velho em material reutilizável. O incentivo necessário para o crescimento desse mercado no Brasil não vem da iniciativa privada, é preciso que a legislação brasileira se atualize. Somente com o interesse da gestão pública é que se torna possível desenvolver uma rede eficiente de coleta e reciclagem.

Esta é a nova consciência ambiental que busca aliar o cuidado com o meio ambiente ao desenvolvimento econômico sustentável. O Brasil pode até estar atrasado em relação ao fechamento do ciclo de vida dos carros, o que não pode é fazer de conta que nada acontece. Certamente idealizar programas de reciclagem das sacolas plásticas é uma tarefa mais fácil do que a de reciclagem em larga escala de veículos automotores, mas quanto mais carros entrarem em circulação mais rapidamente deveremos dar cabo àqueles que ficarem ociosos. Ainda há tempo de constituir políticas públicas eficazes, o potencial de expansão deste mercado no Brasil é enorme. Falta começar.

A matemática do óleo

ARIEL OLIVEIRA
arye.allarol@gmail.com

NÓS JÁ recolhíamos o óleo das frituras de casa em uma garrafa pet há um bom tempo. Desde que soubemos que isso podia ser feito. Uma estatística em particular sempre me assustou quanto ao óleo vegetal: um litro pode poluir até um milhão de litros de água, impedindo a troca de gases com o ar, a entrada de luz, matando a vida aquática. E essa quantidade de água é suficiente para manter uma pessoa por até quarenta anos.

Terra: Planeta Água. Um sextilhão quatrocentos e vinte e cinco quintilhões de litros de água (1.425.000.000.000.000.000). Cobrindo mais de 70% da superfície do planeta, a água é um recurso renovável indispensável à vida. Mas, de todos esses litros, apenas 0,37% é água potável, mais de cinco quintilhões de litros, aproximadamente (5.272.500.000.000.000.000). Pode parecer muito, mas não se engane: essa quantidade é muito baixa para o que gastam os mais de seis bilhões de habitantes do nosso planeta (450 litros diários é a média por pessoa nos Estados Unidos, por exemplo).

Agora, Porto Alegre: 1.436.123 habitantes. Que utilizam, calcula-se, em média, 400.000 litros de óleo de cozinha por mês. E, da maneira como a maioria dos porto-alegrenses se desfaz desse óleo (jogando-o na pia ou na privada, não faz diferença), poluem 400.000.000.000 de litros de água por mês, segundo a estatística acima. Isso só aquilo que é consumido nas casas. Só em Porto Alegre. Alguém mais vê um problema aí?

Para tentar amenizar o efeito de todo esse óleo, o Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU) criou, em 2007, o Projeto de Entrega de Óleo de Fritura (PEOF). Se você nunca ouviu falar nisso, não se sintá-

mal, afinal, pouca gente sabe mesmo. Apesar dos vários postos de coleta espalhados pela cidade, o projeto tem pouca divulgação, e, logo, pouca participação. Mesmo quem sabe dele, muitas vezes não colabora. A responsável e coordenadora do projeto, Mariza Reis, me explicou que o sistema de pontos de entrega pode não ser o maior arrecadador, mas a alternativa, a coleta domiciliar do óleo, não é viável. Pois em geral se pro-



duz menos de um litro por mês por casa, e cada casa arrecada em um ritmo. Não valeria nem o custo do diesel do caminhão. "Então, nós temos 136 postos de coleta, onde as pessoas podem levar o seu óleo utilizado em casa."

Para fechar todos os dados das estatísticas lá em cima, era preciso saber qual a quantidade total que o DMLU arrecada de óleo. Mariza me disse que eles não calculam essa quantidade, pois é muito difícil coordenar as informações de cada um dos postos (entre escolas, clubes,

condomínios e associações diversas), que passam antes pelas quatro empresas que os gerenciam. Apenas 24 dos 136 postos são gerenciados pelo DMLU, sendo os outros licenciados a quatro empresas privadas. Ainda assim, Mariza diz que, nos 24 postos, são coletados em média dois mil litros por mês. Pouco? Equivale a apenas 0,5% dos 400.000 litros totais. Ou seja, muito pouco.

Quanto às duas primeiras questões, logo entendi a dificuldade de que Mariza falara. Além dos postos do DMLU, as empresas também recolhem óleo de iniciativas independentes, muitas vezes anteriores ao PEOF, em restaurantes, hotéis, condomínios, clubes e edifícios. Por exemplo, o gerenciador da coleta na Oleoplan, Édison Silva, afirma que a empresa tem mais de 200 pontos de recolhimento em Porto Alegre e recolhem mensalmente 40.000 litros. "Mas é difícil dizer com certeza, varia muito de mês pra mês". Já Jainor Bertaco, da empresa Faros, calcula que a empresa recolhe 60.000 litros, mas tem postos em outras cidades da região metropolitana de Porto Alegre. Na empresa Celgon, não consegui ninguém que me desse essas informações, enquanto, na empresa Ecológica, essas informações não são divulgadas por medida de discrição em relação à concorrência (a licitação para as empresas que recolhem o óleo é refeita todo ano).

Já quanto ao uso, embora cada empresa tenha sua política, quase todas produzem biodiesel, um biocombustível 100% renovável e alternativo ao diesel derivado do petróleo, com reaproveitamento de aproximadamente 80% (um litro de óleo produz 800ml de biodiesel). Na Oleoplan, todo o óleo é reutilizado para o combustível. Na Celgon, além do biodiesel, usa-se o óleo como gerador de energia em caldeiras. Na Faros, mais diversificada, ainda assim a maior parte do recolhido vai para o biodiesel. Com o resto, a empresa produz massa de vidro, paletes, glicerina ou ração. A Ecológica afirma que o uso que eles fazem depende da demanda do mercado.

Não há motivo para não se reaproveitar o óleo de cozinha que utilizamos em casa. Para quem não se importa com o meio-ambiente, a coleta do óleo poupa os encanamentos (o óleo

se agrega nas paredes dos canos, causando entupimentos e estouros), evitando prejuízos futuros, e facilita o tratamento da água (quanto mais porto-alegrenses deixarem de derramar o óleo nos esgotos, menos químicos são necessários para limpar a água), o que diminui o custo da conta no fim do mês. Para quem não quer dar matéria-prima de graça para grandes empresas, sempre se pode usar essa matéria-prima. Além da reciclagem industrial, o óleo pode ser utilizado nas casas para a produção de sabão ou velas artesanais e ecológicas, uma opção que, além de boa para o meio-ambiente, colabora com a economia da casa. 🗑️



OS USADOS QUE NÃO SE JOGAM FORA

Briques: Quando o reaproveitamento vira negócio.



CAMILA STELLA
TOLEDO PEREIRA
afrobrasileira@gmail.com

COISAS USADAS. “Usado” denota: antigo, velho, que deixou de prestar. Para que seja comparado com lixo, não falta muito. Lixo porém, denota algo que se joga fora. E, se considerarmos essas definições, aparentemente os conceitos de “lixo” e “usado” estão começando a assumir sentidos diferentes.

A palavra “brique” advém do verbete francês *bric-à-brac*, que significa: objetos usados em mau estado, o local onde se encontram esses objetos ou ainda uma interjeição para desordem. Por muito tempo, esse conceito poderia ser transcrito para a realidade sem adaptações, mas hoje o comércio de usados vem se adaptando ao mercado de forma a se transformar em um negócio surpreendentemente lucrativo.

Andando pelas ruas de Porto Alegre, qualquer um, sem dispensar muita atenção, consegue notar a grande quantidade de lojas com as placas “novos

e usados; compra e venda” espalhadas pela cidade. Briques, brechós, sebos: são móveis, roupas e livros que ao se tornarem dispensáveis para alguns voltam ao mercado para serem comprados por outros. Essa forma de comércio é muito antiga. É praticamente uma reinvenção do escambo a favor do reaproveitamento das mercadorias.

Roupas de boa qualidade que resistiram ao prazo de mudança da moda, móveis que persistiram às novas tendências e que se tornaram dispensáveis ou até mesmo livros que deixaram de ser interessantes, mas que ainda não perderam as folhas, valem dinheiro e, em alguns casos, lucro real para seus vendedores.

A Avenida José do Patrocínio é uma coleção de briques. Com aproximadamente 14 lojas como estas, o local foi o centro da pesquisa. A primeira visita foi ao Brique Rocha Arte, do sr. Antônio Rocha, 60 anos. O sr. Rocha assumiu o ponto há aproximadamente quatro anos. Tempo esse que ele considera pouco, se comparado as outras lojas se-

melhantes da praça. Ele trabalhava com mudanças e, de tanto ouvir falar do negócio, resolveu tentar a sorte. Disse que do ramo de fretes e mudanças para o ramo de briques é um passo curto. Afirmou que além de ganhar muitas coisas dos clientes que se mudavam, muito era recebido em pagamento. Os artigos que se acumulavam logo se tornaram um bom estoque. Eis então a Rocha Arte, hoje administrada por seu filho.

Aproximo-me como compradora. Pergunto alguns preços. Noto que ele não se preocupa quando adentro a loja para observar alguns artigos por conta própria. O sr. Rocha volta a me acompanhar quando o chamo novamente. Ele mostra mercadorias novas e explica que, caso eu tenha em mente algum modelo que o brique não tenha à mostra, é só desenhar e trazer as medidas que ele manda fazer.

Fui muito bem atendida. Quando resolvo admitir o real motivo da visita, espero dele uma reação negativa. Pensei

que se frustraria, que me pediria para ir embora e que provavelmente diria que não tem tempo para dar entrevistas. Surpreendentemente, o sr. Rocha esboçou um sorriso e disse:

- Ótima essa tua idéia de falar de briques. Têm muita história nesses lugares.

O que se seguiu foram duas horas de uma conversa longa e divertida, vezes interrompida pelos clientes, vezes conduzida por eles.

O sr. Rocha mantém uma loja que parece pequena aos passantes, mas que guarda uma infinidade de artigos, desde máquinas de lavar até móveis de madeira maciça, de demolição. Esses artigos se acumulam organizada-mente e alguns deles ficam do lado de fora da loja. Móveis esta que ele dispõe dessa forma por não ter medo de assaltos e por saber todos os preços.

Empilham-se móveis e eletrodomésticos usados e mobília nova. Ele tem uma parceria com um marceneiro que lhe confecciona os móveis de madeira novos expostos na loja e que os faz sob medida, caso solicitado pelo cliente.

Antiguidades têm preço alto pela qualidade e, por isso, os artigos que são vendidos mesmo com preço alto são adquiridos pelos clientes que em grande parte procuram durabilidade. Segundo o sr. Rocha, os móveis fabricados antigamente tinham qualidade superior e em muitos casos, são vendidos aos briques por serem grandes demais. Os



Briques, brechós e sebos não se distanciam do conceito de reciclagem. São em verdade a primeira modalidade dessa prática

apartamentos e casas construídos hoje são menores e portanto não comportam os móveis antigos. A substituição de antiguidades se dá, portanto, para adequação de espaço. Por isso, quando ele recebe a mobília, não paga por ela ou paga muito pouco, e ao revender, vende ao preço do mercado.





Quando pergunto se ele lucra com o negócio, ele diz que sim e que, se tivesse de voltar no tempo, teria aberto o negócio antes.

Um rapaz aparentando uns 30 anos se aproxima da loja e pergunta o preço de alguns artigos. O sr. Rocha responde, o rapaz dá mais uma olhada, pede licença e se retira. Segundo o vendedor, os clientes de brique só compram depois da terceira ou quarta vez que perguntam o preço da mercadoria. São garimpadores e idealizam a mercadoria por semanas até decidir comprar. Como os artigos não são de venda rápida, eles podem se dar ao luxo de demorar na escolha.

O sr. Rocha me conta um fato curioso. Diz que o maior problema de se trabalhar com briques são os artigos roubados. Não raro, tentam vender a ele objetos que acabaram de serem roubados. Como ele não fiscaliza a real posse de quem lhe vende as mercadorias quando usadas, corre esse risco. Com o tempo, ele teve de desenvolver uma percepção, ao avaliar os produtos usados que vende, quanto a sua procedência.

- Um guri queria me vender uma bicicleta por R\$ 10 para poder pegar um ônibus até Gravataí, onde morava. Ele estava

com muita pressa. Era um ótimo negócio, mas resolvi não comprar. - disse ele.

As outras lojas desse ramo não são muito diferentes. Nem visualmente nem organizacionalmente. Mas as semelhanças começam a ter as explicações mais diversas. Indicada pelo sr. Rocha, visito o sr. Getúlio Vargas, 66 anos, dono dos briques Vargas, também na José do Patrocínio, que administra as lojas há 25 anos. Ele conta que depois de tantos anos, muitas mudanças aconteceram no ramo. A que



Antigamente o público era restrito a idosos[...]. Hoje, os mais velhos seguem apreciando as mercadorias, mas se misturam a compradores de todas as idades

ele mais destaca é a mudança do público. Antigamente o público era restrito a idosos, e as lojas tinham uma imagem muito ruim. Hoje, os mais velhos seguem apreciando as mercadorias, mas se misturam a compradores de

todas as idades. Tornou-se comum a venda de artigos novos e artigos sob medida também.

A presença duradoura do sr. Vargas nesse ramo é devida a sua criatividade e visão. Ele diz não se manter desatualizado. Ele também possui parceria com um marceneiro e cria móveis novos. Afirmo observar os filmes e as novelas de mais sucesso e as mobílias que são apresentadas. Cria a partir delas mercadorias que logo chamarão a atenção dos clientes e lucra com isso. Ele conta que assim que uma nova novela das oito começa, os compradores começam a perguntar de uma nova qualidade de móveis e ele logo se dá conta de que precisa observar a nova tendência.

Pergunto a ele como é lidar com a concorrência - visto a proximidade com outros briques, e ele diz que não há problema. Relata que muitos dos que hoje estão no ramo foram introduzidos por ele. Afirmo que com a concorrência o comércio fica fortalecido porque os vendedores se obrigam a se modernizar e se adaptar, aumentando a qualidade não só do atendimento como dos artigos vendidos.

Os preços não variam. Os vendedores se respeitam como se filiados a uma corporação de ofício. O sr. Rocha, da Rocha Arte, diz que de vez em quando aparecem novos vendedores tentando ganhar mercado com preços mais baixos e que pouco duram.

- Os clientes procuram qualidade - ele diz - logo, entendem que, se o preço é muito menor, algum produto agregado falta, como frete, montador, assistência, entre outras coisas.

Converso com Marcos, 30 anos, da Loja Patrimônio. Funcionário há seis anos, ele conhece o sr. Rocha e o sr. Vargas e todos se dão bem. Na loja em que trabalha, vende móveis de madeira maciça, tipo móvel de demolição feitos por marceneiro associado, mas também tem usados. Diz que seu chefe, o sr. Ademar, dono da Loja, lucra com a isenção de imposto na venda de usados, o que contribui para que se mantenha no mercado. A nota fiscal emitida com a descrição de móvel usado tem 80% de desconto de imposto e isso garante um lucro bastante favorável.



As lojas de usados em sua grande parte são empresas familiares. São negócios que permanecem em família por muito tempo e crescem por indicação familiar. A Loja Requite, de móveis usados, localizada na Avenida João Pessoa, é de um familiar do sr. Ademar, da Patrimônio. E casos como esse se repetem. Negócio de pai para filho.

Messageiro Da Caridade

O Messageiro da Caridade é uma entidade que possui notória participação neste mercado. Diferentemente dos briques citados, não é um negócio. Não

possui fins lucrativos, apesar de, da mesma forma, receber artigos usados, reformar ou restaurar e revender. Sob a premissa de vender a preços baixos para ser uma forma de inclusão da população de menor poder aquisitivo, o Messageiro da Caridade ficou conhecido por ter à venda artigos baratos. No entanto, os móveis e eletrodomésticos que são vendidos lá têm preço competitivo em relação a outros briques, o que não explica de forma clara o caráter simbólico que os preços dizem possuir.

Eis a rotina dos móveis. O Messageiro da Caridade possui uma central de atendimento, à moda *call center*, que funciona todos os dias em horário comercial. O interessado liga e diz ter algo para dar. Um caminhão é direcionado a casa deste e logo a mercadoria é removida. Na sede do Messageiro, funcionários recuperam a peça que em pouco tempo estará à venda.

Entro em contato com a entidade para entender esse processo e compreender melhor o direcionamento dos recursos adquiridos da venda das mercadorias e, surpreendentemente, fico sabendo que a entidade não concede entrevistas. De qualquer forma, o Messageiro da Caridade está aberto à visita diária, na Avenida Ipiranga, para interessados em comprar ou vender seus usados.

A sociedade vem experimentando um grau cada vez maior de descartabilidade em tudo que é produzido. A matéria reaproveitável pode parecer um retrocesso, ou uma solução para o excesso de acúmulo. E a troca, por sua vez, é a resposta para esse problema. Briques, brechós e sebos não se distanciam do conceito de reciclagem. São em verdade a primeira modalidade dessa prática. É incentivando esse tipo de mercado que a sociedade se propõe a uma nova forma de viver: economicamente e com responsabilidade. Nada mais é feito para durar, a não ser que se queira. É possível reaproveitar, basta a iniciativa. Lixo só é lixo quando se quer. ♻️



GUARDAR LIXO: HÁBITO, MANIA OU DOENÇA?

ELISIANE QUEVEDO
elisianequevedo@yahoo.com.br

Paixão por guardar

JACQUELINE GALVÃO é professora e mora em uma bela e limpa residência na cidade de Canoas / RS. Mas o que essa mulher, casada e mãe de dois filhos, tem de especial? Ela é uma apaixonada por lixo, por tentar reaproveitar aquilo que a maioria joga fora. Jacqueline gosta de guardar tudo o que vê pela frente: lenha, graveto, retalhos de tecido, caixas de papelão, fios de telefone e até casca de ovos: "Gosto tanto de juntar coisas que às vezes ando na rua e me dá vontade de mexer nos lixos das casas. Em festa de aniversário, eu fico desesperada esperando que o aniversariante abra logo os presentes e jogue os papéis de presente fora para eu poder juntar tudo e levar para casa", relata.

A fixação é tanta que Jacqueline tem em casa uma peça reservada somente para as coisas que guarda, que traz da rua ou consegue com amigos. Mas, como a maioria das pessoas que tem o hábito de guardar coisas, Jacqueline não se vê como alguém que coleciona lixo: "Para mim, o que guardo não é lixo, [essa ideia] até me ofende. O que guardo são coisas que têm valor, que podem ser aproveitadas um dia. Gosto de guardar para reciclar, sempre penso nisso quando guardo alguma coisa. Mas muitas vezes acabo não tendo tempo e aí vai ficando".

A professora conta que sofre certo preconceito por gostar tanto de guardar, inclusive do próprio marido: "Muita gente acha que sou doida. Lá na escola mesmo, às vezes não quero pôr alguma coisa fora, para depois usar em uma atividade com os alunos. Aí sempre tem alguém que diz: 'Tu tá louca, por que vai guardar isso?' Aqui em casa também, meu marido briga comigo. Eu não guardo mais porque ele não gosta".

Segundo Jacqueline, o gosto por guardar é herança de família, sua mãe, Irmgard Kroll, falecida há sete anos, tinha o mesmo hábito. "A mãe pegava tudo o que via pela frente. Andava na rua catando. Tenho muita coisa aqui em casa que foi ela que juntou".

O filho mais velho de Jacqueline, Emiliano Galvão, tem desde criança a mesma mania da avó e da mãe. Ele aparece em uma fotografia, com 10 anos de idade, levando para casa um fogão velho achado na rua. O rapaz, hoje com



21 anos, tem o quarto todo decorado com os seus guardados que vão desde livros e jornais velhos até um bidê antigo, forno elétrico, rádios, várias câmeras fotográficas, garrafas, instrumentos musicais, tudo coisa que ele encontrou na rua ou pegou com alguém que estava querendo jogar fora.

Emanuel também tem espalhados pela casa da mãe, entre outros objetos, várias caixas de som, discos antigos, ferros de passar roupa e um enfeite brilhoso em forma de globo que ele pegou com o tio que tinha uma casa noturna. O rapaz diz que gosta de juntar tantos objetos porque eles têm um valor histórico: "Eu guardo para transmitir para as futuras gerações. Tudo tem um valor. As pessoas colocam no lixo muita coisa que não tinha que estar lá".

Mania de guardar lixo pode ser doença

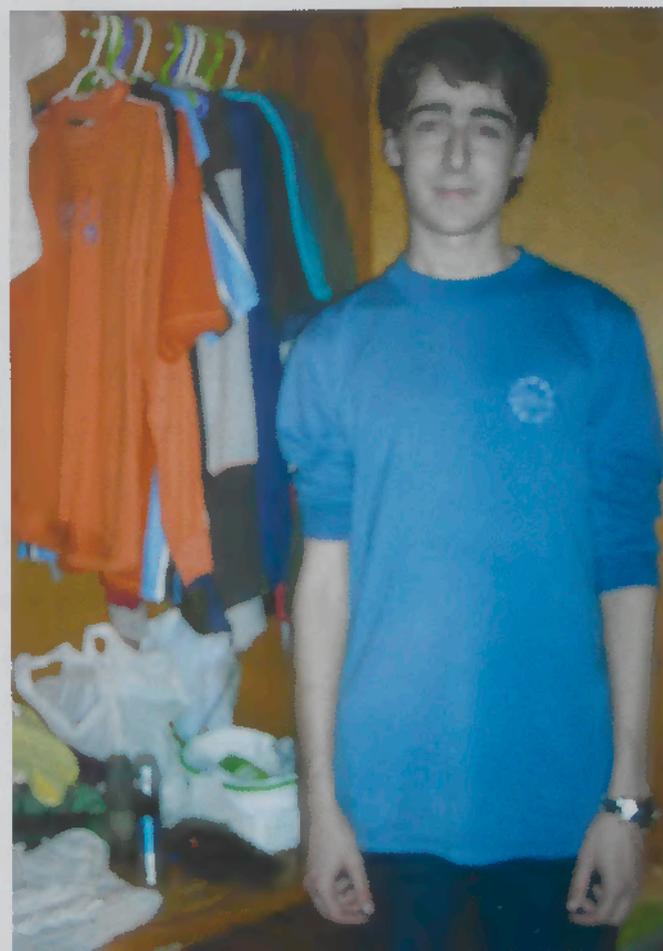
Mas o hábito de guardar coisas, quando exagerado, pode ser considerado uma doença. É o que alguns especialistas classificam como Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC), um distúrbio de ansiedade que leva à compulsão e à obsessão por juntar todo o tipo de quinquilharia.

Liliane Froemming, psicóloga da UFRGS, prefere não usar

o termo TOC e sim "Neurose Obsessiva" para definir um conjunto de sintomas que fazem com que um indivíduo assuma a postura de reter toda espécie de coisas: "Essa pessoa faz isso achando que um dia vai aproveitar, mas nunca aproveita e não consegue se desfazer de absolutamente nada. Isso acaba interferindo na sua vida, nas suas relações sociais e afetivas", explica Liliane.

Mas a psicóloga ressalta que não existe doença no guardar, no colecionar, no separar, no reciclar: "Muito pelo contrário, isso é uma coisa salutar, deveria ser uma prática do cotidiano de todo mundo, uma preocupação universal. A doença está no consumismo exagerado e na velocidade com que tudo se torna descartável. Deveriam criar um tipo de TOC que incluísse o consumismo da sociedade atual".

Para Liliane Froemming, guardar lixo só pode ser considerado doença em casos extremos. A Neurose Obsessiva possui uma multiplicidade de sintomas, dentro dos quais a compulsão e a retenção são manifestações de um distúrbio bem mais amplo. A psicóloga cita como exemplo o filme Grey Gardens (2009) que conta a história de Edith Bouvier e sua mãe, Edith Bouvier Beale, prima e tia de Jacqueline Kennedy, duas senhoras que viviam isoladas em um casarão tomado por lixo e bichos: "Não se pode simplesmente reduzir o diagnóstico daquelas mulheres a doença de guardar lixo. Eram mulheres sozinhas, que viviam isoladas e esquecidas. A Neurose Obses-





dia, olhando na internet, vi que tinha esse movimento e que eu meio que me enquadrava”.

O rapaz vive com algumas roupas, um computador, um celular, objetos de higiene pessoal, três ou quatro livros e mais nada. “Não fico com o que não vou usar. Roupas eu compro só quando tenho que comprar e não tem outro jeito. E eu nunca coloco fora: dou para alguém ou aproveito a roupa velha para fazer alguma coisa”.

Segundo Germano, uma das razões que o faz evitar o acúmulo de coisas supérfluas é fazer a sua parte para evitar o desperdício gerado pela fúria que nossa sociedade tem por consumir e descartar: “O consumismo é o mal da humanidade. Tem gente que compra muita coisa que não é necessário. É o consumismo que só traz prejuízo para o meio ambiente. Precisa-se de bem menos para viver. Eu só não quero acumular, só quero ter o que realmente preciso”, diz Germano.

Para o estudante, quando você se desprende de coisas, passa a ter mais liberdade: “Você está mais livre, tanto da lógica capitalista do consumo e do descarte como no mundo mesmo: é menos o que você vai levar ao se mudar, ao viajar... Para que juntar tanta coisa? O excesso acaba travando a tua vida e a tua mente”. 

siva é parte de algo maior que tem uma dimensão humana e social. A retenção, o acúmulo é um dos sintomas de uma doença que é bem mais complexa.”



“Para mim, o que guardo **não é lixo**, [essa ideia] até me ofende. O que guardo **são coisas que têm valor**, que podem ser aproveitadas um dia. **Gosto de guardar para reciclar**, sempre penso nisso quando guardo alguma coisa. Mas muitas vezes acabo não tendo tempo e aí vai ficando”

Evitar o acúmulo, menos é mais.

Se por um lado têm pessoas que adoram guardar, juntar, comprar, acumular, existem aquelas que escolhem não ter mais do que o necessário, se desfazendo de tudo aquilo que é supérfluo, que está sobrando. Elas fazem parte do Movimento Simplicidade Espontânea ou Voluntária, um movimento mundial não organizado que assume diferentes dimensões em função da necessidade dos seus adeptos. São pessoas que escolhem uma vida menos apegada a bens materiais por diferentes razões: espiritualidade, qualidade de vida, meio ambiente, justiça social, etc. Essa opção também pode ter razões econômicas, mas tem mais a ver com um estilo de vida do que com pobreza.

Algumas pessoas que adotam um modo de vida mais simples se desfazem de dinheiro, trabalho, imóveis. Mas isso é algo que vai depender de cada indivíduo e do que ele busca ao adotar esse estilo de vida. Em alguns casos, aderir ao Simplicidade Voluntária significa apenas deixar de consumir exageradamente, sem deixar de lado mais nada na sua vida. É apenas uma tomada de consciência de que, para ter uma vida bacana, não é preciso ter coisas em excesso.

O estudante de informática da UFRGS, Germano Carniel, se diz um adepto do Movimento Simplicidade Espontânea. “Nunca fui muito de acumular coisas porque elas nunca me fizeram falta. Sempre tive pouca coisa. Um



Entre achados e perdidos

O que acontece com o que é perdido e esquecido por aí? O esforço é para que tudo que é abandonado não seja transformado em uma grande montanha de lixo.



PAULO FINATTO JR.
paulofinattojr@hotmail.com

EM PORTO ALEGRE existem 1.590 ônibus em circulação. Da região metropolitana – de cidades como Viamão, Canoas e Alvorada – outros 1.500 veículos coletivos visitam a capital gaúcha todos os dias. Mais de um milhão de pessoas transita pela cidade diariamente: pelo transporte público ou pelo aeroporto Salgado Filho.

Entre as pessoas que circulam por Porto Alegre, uma expressiva parcela é composta por homens e mulheres com pressa, trabalhadores cansados, estudantes atrasados e visitantes iniciantes. Independente de quem está indo ou vindo, em todos os dias alguma coisa é deixada de lado. Muitos objetos são esquecidos dentro dos ônibus ou até mesmo no aeroporto.

Na maioria dos casos, o material perdido fica à disposição para ser recuperado. No entanto, isso não significa que tudo o que é encontrado seja devolvido. Muita coisa ficaria eternamente guardada como lixo à espera do seu dono. A intenção é que isso não aconteça.

Entre os perdidos do aeroporto

O Aeroporto Internacional Salgado Filho recebe cerca de cinco milhões de pessoas por ano. Entre as plataformas de embarque e desembarque, uma média de 175 aviões se reveza em pousos e decolagens diariamente. Por causa do movimento intenso, muitos objetos são esquecidos ou deixados de lado por passageiros apressados.

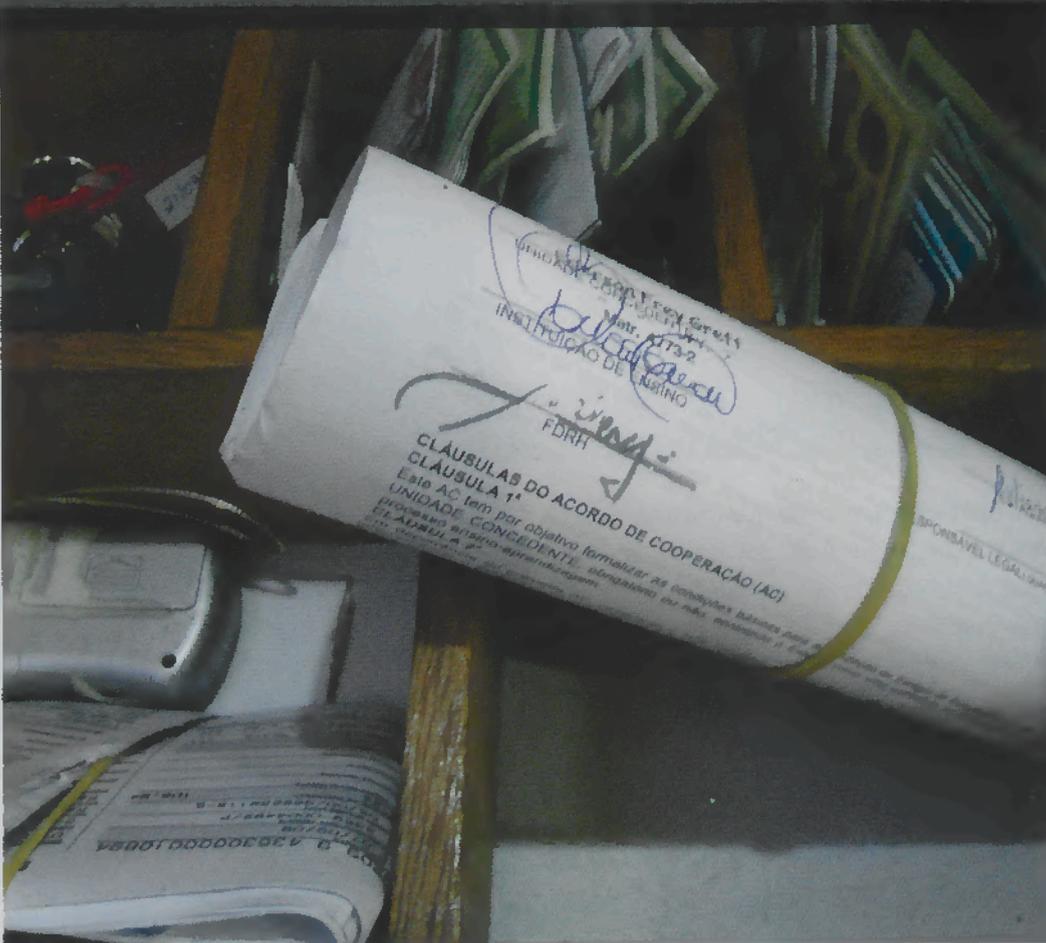
O serviço de achados e perdidos do aeroporto é coordenado pelo setor de comunicação social da Infraero. Para sala do departamento – localizada ao lado do portão de desembarque doméstico – é que vão malas, carteiras, roupas e as mais diferentes coisas esquecidas dentro dos 37,6 mil metros quadrados do local. Nathalie Fonticelha, responsável pelo setor, é quem registra todos os objetos em um software específico.

Tudo que é encontrado aparentemente sem dono – próximo aos 32 balcões de check-in, às dez escadas rolantes ou em qualquer outro lugar – é catalogado eletronicamente com todos os detalhes possíveis: a data, o horário e o local aproximado em que foi perdido. Nos dois

Entre os objetos mais esquisitos abandonados estão um vibrador, uma dentadura, um revólver e uma partitura de música clássica

Os laptops não costumam ficar muito tempo à espera dos seus donos. Muitas vezes, menos de uma hora. Mas outras coisas – especialmente roupas, chaveiros e celulares – não costumam ser procuradas

Documentos pessoais, chaves, boletos bancários e um celular fazem parte do achados e perdidos da Carris.



primeiros dias, o item apenas fica à espera do proprietário. No terceiro, os funcionários encaminham o material para a sala de custódia.

Entre os objetos mais esquisitos abandonados estão um vibrador, uma dentadura, um revólver e uma partitura de música clássica. Entretanto, são as malas, os computadores portáteis e as peças de vestuário que são localizados com maior frequência. Os laptops não costumam ficar muito tempo à espera dos seus donos. Muitas vezes, menos de uma hora. Mas

outras coisas – especialmente roupas, chaveiros e celulares – não costumam ser procuradas.

Na sala de custódia, todos os objetos perdidos ficam armazenados por até três meses. Desde o momento que dão entrada no achados e perdidos, os funcionários da Infraero estão autorizados a passar as bagagens pelo sistema de raio-x e abrir carteiras na tentativa de identificar o proprietário. Por um documento de aluguel de veículo foi possível contatar o dono

As peças de roupa que fazem parte do brechó da Carris.





O movimento de pessoas e, conseqüentemente o do serviço de achados e perdidos do aeroporto, é intenso diariamente.

de um computador rapidamente. O álbum de fotografias de um aniversário foi devolvido através do contato com a produtora que realizou a festa.

Mas o que acontece com o que não é devolvido no prazo de três meses? Os alimentos são colocados no lixo comum após o prazo de 48 horas. Documentos pessoais são encaminhados para o órgão emissor ou para a agência central dos Correios. Os passaportes brasileiros são enviados para a Polícia Federal e os internacionais para os consulados responsáveis.

As roupas e todos os outros tipos de objetos de valor material, no entanto, são doados a instituições de caridade. No segundo trimestre de 2009, 980 objetos abandonados foram destinados a três diferentes instituições. Embora seja uma quantidade razoável de itens esquecidos, cerca de 60% de tudo que é perdido dentro do aeroporto consegue voltar para as mãos dos seus donos.

Entre os achados da Carris

Os pertences esquecidos pelos passageiros das 27 linhas de ônibus da Carris são entregues ao Serviço de Atendimento ao Cliente Carris (SACC), localizado na sede da empresa, no bairro São José. O serviço de achados e perdidos – coordenado por Maria Inês Bona e que conta com outras três colaboradoras – recebe, cataloga e guarda todos os objetos encontrados em meio à frota de 339 veículos coletivos.

Entre os objetos encontrados em maior quantidade estão cartões de passagem, ce-

Entre os projetos sociais está o Carris Amigos da Vida. [...] Os objetos esquecidos, pela média aproximada de 270 mil passageiros diários, são encaminhados para um brechó da empresa.

Os objetos esquecidos nos itinerários da Conorte ficam registrados nos computadores da empresa e os documentos podem ser localizados pelo site da companhia

lulares e chaves. Em menor proporção estão remédios, óculos e exames. O material que chega diariamente ao SACC também é registrado eletronicamente. Para que o passageiro recupere o seu patrimônio, basta encaminhar um e-mail para o SACC ou entrar em contato por telefone.

Se os pertences contêm identificação, as funcionárias do SACC entram em contato com o cliente para informar que o objeto está à disposição para ser restituído. No entanto, todo o material apreendido recebe um adesivo com a data em que foi achado e fica sob a responsabilidade da Carris pelo prazo máximo de trinta dias.

Em todo quinto dia útil do mês, as carteiras de identidade, títulos de eleitor e demais documentos pessoais são encaminhados para os Correios. Os objetos de valor material são repassados para os projetos da unidade de serviço social. O que não pode ser doado – como chaves e exames – são destruídos. Como medida de precaução, toda a movimentação dos achados e perdidos fica registrada em protocolo se necessária uma comprovação posterior.

Entre os projetos sociais está o Carris Amigos da Vida. Fundado em 1990, um grupo de dezoito voluntárias organiza um cronograma de atividades mensais que presta apoio a diferentes comunidades carentes. Os objetos esquecidos, pela média aproximada de 270 mil passageiros diários, são encaminhados para um brechó da empresa.

As roupas esquecidas dentro dos ônibus passam inicialmente pelas mãos das voluntárias do Carris Amigos da Vida: que lavam,

passam e fazem pequenos reparos de costura quando necessário. Depois de cuidadas, as peças de roupa passam a integrar o acervo do brechó, que é aberto quinzenalmente a todos os 1.600 funcionários da empresa. Os preços são simbólicos e variam de R\$ 1 a R\$ 1,50.

Os objetos que não despertarem o interesse passam automaticamente a fazer parte do material que é doado pelo Carris Amigos da Vida. O dinheiro arrecadado pelo brechó é revertido em alimentos que, complementado com roupas e brinquedos que passaram pelos achados e perdidos, são revertidos para seis instituições de apoio, como o Centro Comunitário São José Operário e a Associação Madre Teresa de Jesus, que atendem juntas mais de 300 crianças.

Entre os esquecidos de outros lugares

As outras empresas de transporte público de Porto Alegre também disponibilizam o serviço de achados e perdidos. A Unibus, que administra 141 linhas, encaminha os documentos pessoais não recuperados em trinta dias para os Correios. Os cartões de bancos e de lojas são destruídos. Os óculos e as roupas ficam na sede da empresa por seis meses e depois são doados. Os celulares e os chaveiros ficam sob a responsabilidade da Unibus por tempo indeterminado.

Os objetos esquecidos nos itinerários da Conorte ficam registrados nos computadores da empresa e os documentos podem ser localizados pelo site da companhia. O material fica à espera dos proprietários pelo prazo máximo de trinta dias. Os documentos perdidos nos 405 veículos da Conorte são enviados para os Correios e o restante do material é destinado para projetos sociais da Prefeitura.

No entanto, o maior achados e perdidos do país é o do metrô de São Paulo. Os objetos perdidos – por mais de três milhões de passageiros diários – ficam retidos em dois depósitos: na Estação da Sé e na Estação Largo Treze. O material fica à espera dos seus respectivos donos por dois meses. Os itens de valor que extrapolam o prazo são encaminhados para o Fundo Social de Solidariedade de São Paulo. O departamento de achados e perdidos do metrô paulista devolve mais de cem mil pertences por ano. 



CLIQUE AQUI

E descubra mais sobre lixo virtual



MAURICIO CAUDURO
mauriciocauduro@hotmail.com



RAFAEL GLORIA
rafaeljournal@yahoo.com.br

HÁ ALGO DE INERENTE na natureza do ser humano, quando se trata de produzir lixo. Parece que o mundo real e palpável já não é mais suficiente para comportar os hábitos de descarte. Deixamos nossas marcas também no ambiente virtual, cada vez mais presente no cotidiano. Principalmente nas inúmeras redes de relacionamento que inundam a internet, nos milhares de *blogs* abandonados, ou com os famosos *spams*, as mensagens eletrônicas não solicitadas enviadas a uma grande quantidade de pessoas diariamente nos correios eletrônicos ao redor do mundo.

O presunto e os vikings

Originalmente, SPAM foi o nome dado a uma marca de presunto condimentado (Spiced ham, em inglês, de onde surgiu a sigla) enlatado de uma empresa norte-americana. Mas a associação do *spam* com algo indesejado passa pelo grupo de comediantes britânicos Monty Python. Em um quadro de seu programa de TV em 1970, eles encenaram uma situação surreal em um restaurante que servia todos os seus pratos com *spam*. A garçonete descreve para um casal de clientes os pratos repetindo a palavra "*spam*" para sinalizar a quantidade de presunto que é servida em cada prato. Enquanto ela repete "*spam*" várias vezes, um grupo de vikings que está em outra mesa começa a cantar "*spam, lovely spam! Wonderful spam!*" ("*spam, adorável spam! Maravilhoso spam!*") interrompendo-a. Assim, quando as mensagens eletrônicas repetitivas e irritantes começaram a lotar as contas

de e-mails na internet, no início da década de 90, os usuários da Usenet, maior sistema de grupos de notícias e listas de discussão on-line da época, fizeram o paralelo com o uso exagerado do *spam* no quadro do grupo Monty Python e adotaram o termo.

Green Card para todos

A palavra *spam* só começou a ser difundida a partir de abril de 1994. Segundo o site de Brad Templeton (www.templetons.com), pesquisador da história do *spam*, no dia 12 de abril daquele ano, Laurence Canter e Martha Siegel, dois advogados da cidade norte-americana de Phoenix, que trabalhavam em casos de imigração, enviaram uma mensagem anunciando serviços que ajudavam as pessoas a ganhar vistos de permanência (o "Green Card") nos EUA. Utilizando um programa capaz de automatizar o envio em massa da mensagem de propaganda, conseguindo atingir diversos grupos diferentes de usuários da internet, sendo que maior parte deles não havia solicitado o recebimento do e-mail. As reações foram imediatas e negativas, gerando muitas reclamações dos usuários contra o uso do *spam*. Mas já era tarde: cada vez mais pessoas e empresas passariam a utilizar programas de envio em massa de e-mails para enviar anúncios e propagandas. E o *spam* se firmou com uma das maiores pragas do lixo virtual.

Mil maneiras de entupir seu e-mail

De acordo com o site Antispam.br (www.antispam.br), atualmente há vários tipos de *spams*. As correntes, que pedem que cada destinatário repasse a mensagem um determinado número de vezes e tentam convencer o usuário a não "quebrar" a corrente. Também há os *spams* de boatos ou lendas urbanas que

contam histórias alarmantes e falsas, tentando sensibilizar o usuário a continuar a propagação da mensagem. Os ataques pessoais enviados por e-mail podem ser considerados *spams*. Existem casos de envio de grande quantidade de mensagens eletrônicas contendo ameaças, brincadeiras inconvenientes ou difamação de amigos ou ex-maridos, esposas, namorados e namoradas). Nessa situação, o ato de enviar uma grande quantidade de mensagens já o caracteriza como *spam*. Já os e-mails de golpes, também conhecidos como "scams", exploram a fragilidade do usuário e buscam persuadi-lo a fornecer seus dados pessoais e financeiros, com o objetivo de realizar fraudes comerciais e bancárias através da internet. Até mesmo a pornografia acaba sendo utilizada como *spam*, incluindo mensagens com conteúdo de pedofilia.

Nem tudo é spam

Com todo o problema que o lixo virtual pode causar aos usuários dos e-mails, não é de se estranhar que eles tenham desenvolvido repulsa e desprezo por qualquer mensagem que contenha algum tipo de propaganda ou anúncio. Para combater isso, as empresas de comunicação e as agências de publicidade vêm desenvolvendo um novo tipo de correio eletrônico: o e-mail marketing. Segundo um publicitário especializado nessa prática, que não quis se identificar, "A grande diferença entre o e-mail marketing e o *spam* é que no primeiro o destinatário se cadastra, oferece o seu endereço de e-mail para receber as mensagens. Já o *spam* é invasivo, é um mau uso do correio eletrônico."

Lixo nas redes de relacionamento

O nome dele é Dimas. Opa, não, agora é Michael Jackson em homenagem ao rei do pop,

morto recentemente. O entrevistado, que não quis se identificar, diz que a ideia de criar esse perfil no Orkut surgiu com mais dois amigos. "A gente sempre falava que Dimas era o nosso amigo imaginário e um dia chegamos a conclusão de que o Orkut é o lugar perfeito para ele", explica. Dimas é só mais um dos milhares de perfis *fakes* (não-reais) que a rede de relacionamentos Orkut, tão impregnada na nossa sociedade, mantém. Não é preciso procurar muito para perceber o quão variada é a gama de *fakes* no site. Entre eles, está o sr. Privada. Sua foto no perfil é auto-explicativa: um vaso sanitário com a tampa aberta, lembrando uma boca e dois papéis higiênicos, formando os olhos, o conjunto nos remete a lembrança de um rosto. O criador, o estudante de educação física Leonardo Loeck, diz que o perfil foi feito para divertir as pessoas.

Eles entraram com o intuito maior de bisbilhotar. Afinal, em 2006 o Orkut implantou a possibilidade do bloqueio de fotos, o que aumentou a criação de *fakes*. "É claramente um caráter jocoso, é para bisbilhotar mesmo, ver o perfil de pessoas que a gente quer, é simplesmente xeretar a vida alheia", explica o criador do Dimas. Leonardo diz que hoje ele só utiliza para mandar recados engraçados. "Uma vez eu usei esse perfil *fake* para ameaçar de uma forma arreada um cara que havia ameaçado um amigo meu pelo Orkut, mas foi só para tirar um sarro", diz.

Ocupando espaço na estratosfera virtual, os perfis *fakes* podem ser úteis para seus donos, mas são úteis para o funcionamento do restante do sistema? "Não acho que o sr. Privada seja um lixo virtual, porque eu nunca o 'joguei fora', posso ficar um tempo sem usá-lo, mas não pretendo abandonar". O futuro de Dimas parece não sofrer perigo também: "Tanto o meu perfil real, como o meu perfil *fake* fazem parte da mesma brincadei-

ra, tu acha ter um *fake* ridículo? Eu acho tão ridículo quanto ter um perfil no Orkut.", conclui.

De lado

O problema parece estar nos *blogs* abandonados, uma pesquisa recente do Technorati, famoso site de indexação desse esquema virtual, averiguou que dos 133 milhões de *blogs* em sua base de dados, somente 7,4 milhões foram atualizados nos últimos quatro meses. O que representa bilhões, senão trilhões de *posts* orfãos abandonados por blogueiros desiludidos. Existem vários fatores que talvez expliquem essa situação, como a tendência ao uso de redes sociais para se expressar de uma maneira mais pessoal e informal, como a criação dos perfis *fakes*, vistos acima. Ferramentas mais instantâneas como o Twitter também podem ter sua parcela de influência, apesar dele também estar sofrendo com o mesmo problema, já que somente 10% dos usuários são responsáveis por 90% das tuítadas e milhões de contas estão abandonadas.

Rafaela Masoni, estudante de Jornalismo, diz que já teve vários *blogs*, e que atualmente só atualiza um. Ela não acha que os *blogs* restantes possam ser considerados lixos virtuais: "o *blog* parado não, porque tem coisas que podem servir de informação pra outras pessoas e porque provavelmente vai ser retomado daqui a algum tempo". A questão ainda é vaga, mas pode se tornar um problema para o futuro, pois ninguém sabe bem como funciona o processo de armazenamento da estratosfera virtual. Mas talvez seja da nossa atitude abusiva, quase corriqueira de produzir lixo, todo tipo de lixo. Como se vê, a atitude do campo real se reflete no âmbito virtual. De uso, abuso e descarte irrefletido e inconseqüente.

2009/2

FORMA

EXE